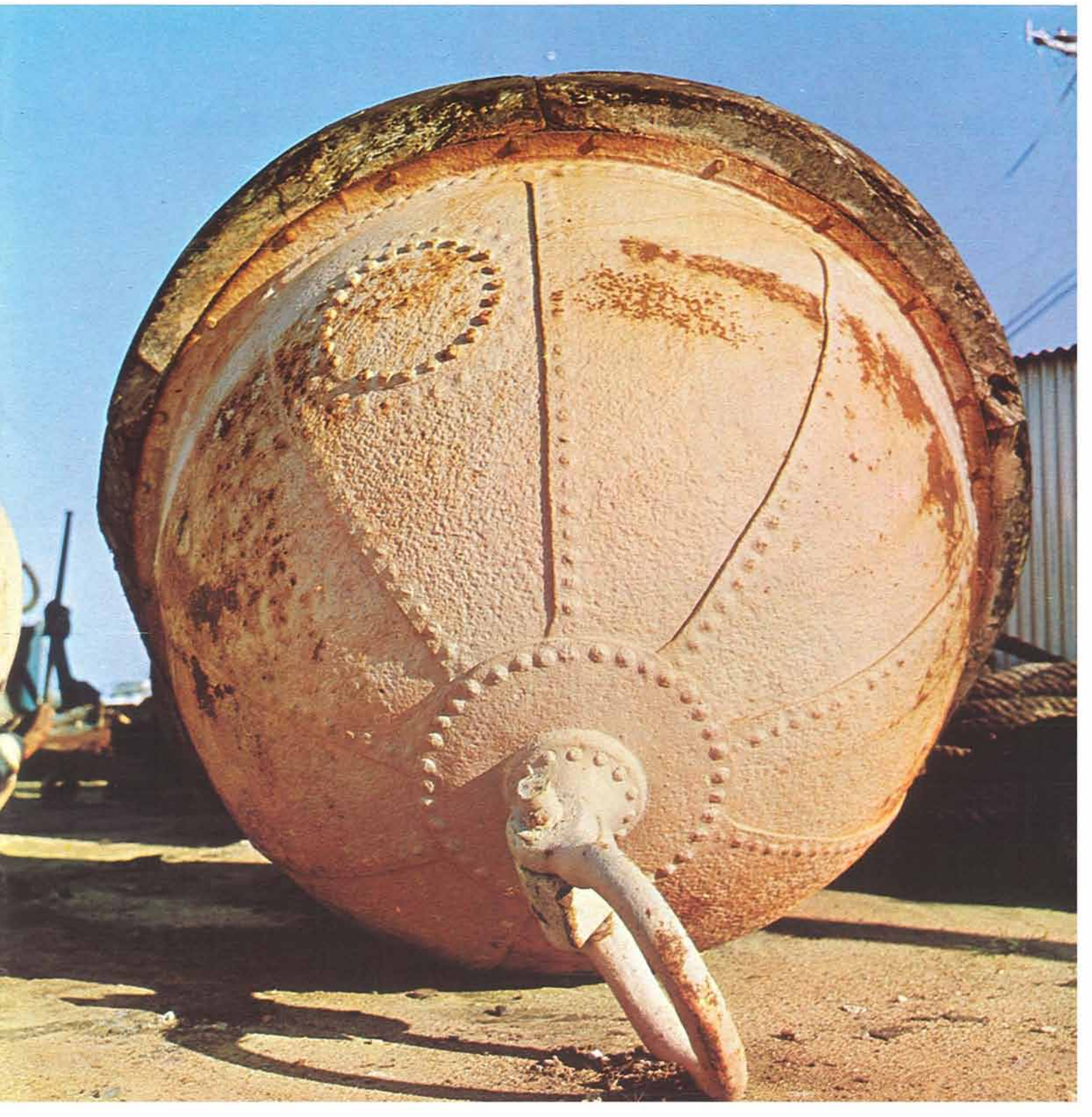
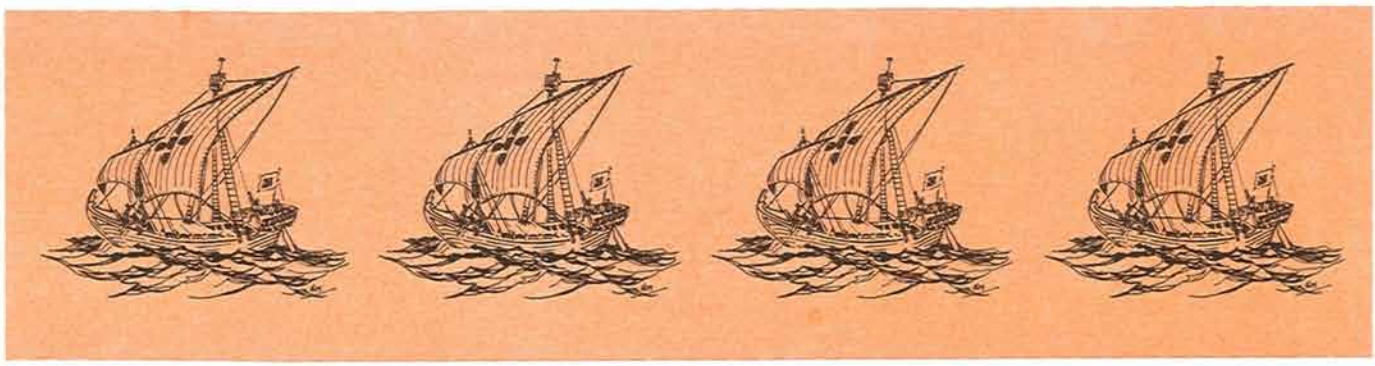
N.º 20 / MAIO 1973 / ANO II

revista da ARMADA



sumário

		Pág.
M. do Vale	**Nota de Abertura**	3
M. Horta	**Efemérides Navais**	4
S. Elpídio	**Perguntas... Com Cocha** **Respostas... Descochadas**	5
Redacção	**Fotografias do Ultramar**	5
S. Elpídio	**A Pátria Honrai**	6
O. Lemos	**Ciências, Artes e Letras** Pedro de Freitas Branco – *Um Músico que não esquece* O Conhecimento do Planeta Marte	7 8
O. Lemos	**Bibliografia**	12
S. Machado	**Ultramar** Manu Futo – *Pecadilho de Timorense*	13
S. Elpídio	**Saibam Todos**	16
A. Chuquere	**Notícias Pessoais**	16
Redacção	**Voz da Abita**	17
O. Lemos	**Alma Cativa**	18
S. Machado	**Sauna** – Um banho de saúde	19
P. Caeiro	**Desporto**	21
M. de Sousa	**Filumenismo**	23
G. Brandão	**Filatelia**	24
J. Barreiros	**Curiosidades**	25
S. Elpídio	**Reportagem**	26
S. Machado	**Quarto de Folga**	32



REVISTA DA ARMADA

Publicação Oficial
do Ministério da Marinha

Director e Editor:
Comodoro António Júlio Malheiro do Vale

Orientação gráfica:
Hernani Lopes

Publicação mensal

Propriedade
do Ministério da Marinha

Redacção e Administração
Ministério da Marinha
Praça do Comércio
Telefone: 36 89 60

N.º 20 / MAIO DE 1973 / ANO II

Preço de venda avulso 3$00

Assinaturas anuais:

Continente e Ilhas 24$00
Ultramar e Brasil (Via marítima) 26$00

Na capa:

Em seco, para fabricos, na Base Naval – Bóia de amarração.
(Foto de A. Fernandes, fotógrafo do Gab. de Fotog. do E. M. A.)

Execução gráfica:
IMPRIMARTE, Publicações e Artes Gráficas, S.A.R.L.

nota de abertura

TRADIÇÃO

Somos dos que pensam que não podemos nem devemos viver do passado. É necessário virarmo-nos para a frente, para o futuro, e trabalhar para que os que nos hão-de render tenham uma vida melhor que a nossa.
Mas também pensamos que de vez em quando convém olhar para trás, para o que lá vai, que é tradição.
Antigamente dizia-se que o clarim era a voz do comandante. Não havia E. T. O., tinha de ser assim; hoje a sua própria voz ressoa por todo o navio e até no exterior. Quer isto dizer que podemos abolir o clarim?
Antigamente havia vigias empoleirados no cesto de gávea para avisar do que ia aparecendo; hoje há o radar, que nos mostra o panorama muitas milhas ao redor. Acabam os vigias?
Podíamos citar muitos outros exemplos, mas cremos que estes chegam. Todos sabemos que, apesar de tudo, ainda há vigias e clarins...

A Armada respira tradição. A própria farda está cheia dela: as cores e o talhe escolhidos por Lady Hamilton, as três riscas brancas do alcaxa a comemorar as três grandes batalhas ganhas por Nelson, a manta preta a simbolizar o luto pela sua morte...
E repare-se que quase todas as Marinhas aderiram a esta homenagem ao maior marinheiro de todos os tempos, símbolo e orgulho desta grande família que é a gente do mar.

Não deixemos morrer a tradição, pois com ela morreria muita coisa. Conservemos os apitos a bordo, as calças de boca de sino, as festas da passagem da linha, os vivas da ordenança, o calão naval, o doce e o vinho do Porto às quintas-feiras, a aguardente ao pessoal de quarto quando está frio... Conservemos o hábito de trazer os navios impecavelmente limpos... Conservemos o amor à disciplina, à justiça e à verdade... Em que é que isto pode prejudicar o futuro? Salve-se a tradição...

Com.

EFEMÉRIDES NAVAIS RELATIVAS AO MÊS DE MAIO

Em 4 de Maio de 1394, nasce no Porto o Infante D. Henrique, o Príncipe Navegador. «Com ele e pela primeira vez, o pensamento de exploração do planeta se transforma no plano duma nação, se vitaliza com um método, assume carácter orgânico e científico e adquire continuidade ininterrupta. Graças a ele, estudam-se ventos e correntes do oceano. Criou-se para dominá-lo o instrumento próprio, a caravela. Introduziram-se na arte de navegar novos tentames para observar por meios astronómicos as latitudes. Modernizou-se a cartografia, abolindo as ilhas fantásticas e transformando-a em espelho de realidades experimentadas. Deu-se aos velhos "portulanos" do Mediterrâneo a vastidão inédita de roteiros atlânticos. Introduziu-se no barco o escrivão, que passou de simples escriturário a geógrafo e cronista. (...)» (Jaime Cortesão)

M. Horta
Sarg.-aj. L

N. R. – *Pede-se a todos os nossos leitores que conheçam factos relacionados com a Armada, que julguem de interesse divulgar, os relatem à Comissão de Redacção para publicação nesta Secção (vide número de Abril).*

Estátua do Infante D. Henrique no pilar central da Igreja dos Jerónimos.

Perguntas... Com Cocha

1 – Se o mar está a arder, quem o incendiou?
2 – Ar de vento enfuna as velas?
3 – Ardido da vela é o que da mesma já foi queimado?
4 – Se o navio arfa é porque tem dificuldade em respirar?
5 – Que espécie de caça se apanha com armadilha?
6 – Armar carranca é fazer cara feia?
7 – Armar remos é provê-los de armas?
8 – Navio à roda, vai girando?
9 – E quando está arrasado, sente-se muito cansado?
10 – Arreatar é prender com arreata?

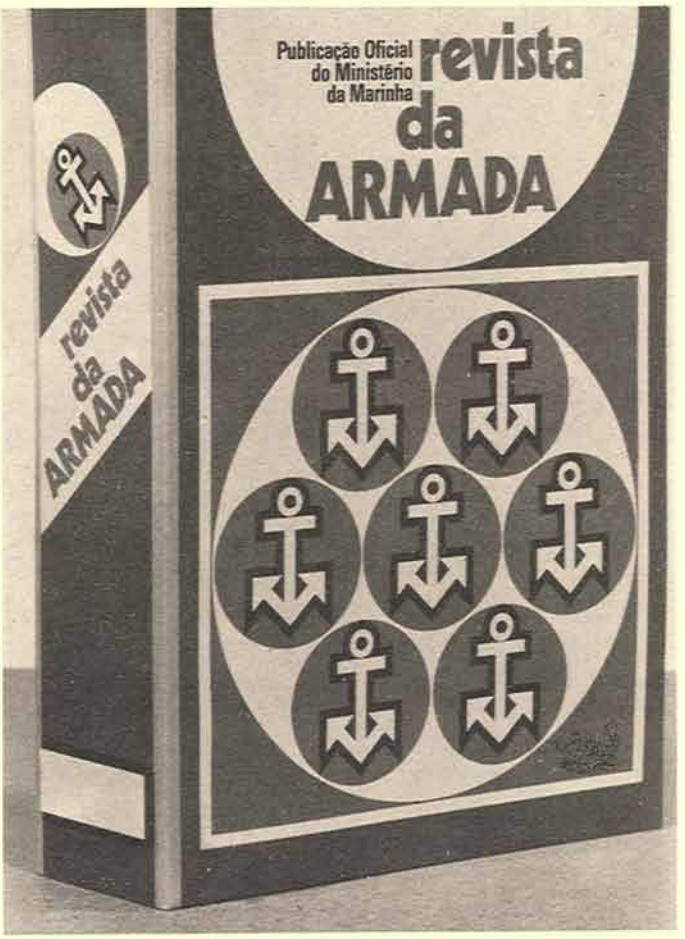
Respostas... Descochadas

1 – O mar está a arder quando tem ardência, fenómeno de luminosidade já referido no anterior número da «Revista da Armada» e que é devido à presença de microrganismos na água do mar.
2 – Ar de vento significa aragem e também cada uma das 32 divisões da rosa-dos-ventos, ou quarta ou ainda rumo; assim, a agulha de marear tem 32 quartas, rumos ou ares de vento.
3 – Dá-se o nome de ardido da vela à parte da vela atacada por um fungo microscópico que nela prolifera devido à humidade.
4 – O navio arfa quando sobe e desce verticalmente, acompanhando idêntico movimento das águas; é, afinal, o balanço de popa à proa que, conjugado com o de bombordo a estibordo, produz o conhecido e pouco apreciado balanço de parafuso que tantos estragos ocasiona nos estômagos menos fortes...
5 – Armadilha é a designação atribuída a uma esquadra pequena e ligeira.
6 – Armar carranca é sinónimo de prenúncio de mau tempo, aspecto feio que o tempo toma à aproximação de temporal.
7 – Armar remos é colocá-los nas forquetas, toleteiras ou toletes, normalmente ao costado, paralelos à superfície da água e com as pás de prancha.
8 – O navio vai à roda ou a rolar quando está descaindo pela acção do mar.
9 – Navio arrasado é navio sem mastreação, sem castelo.
10 – Arreatar é passar um conjunto de voltas contíguas ou de botões de cabo à peça de mastreação avariada para a fortalecer.

FOTOGRAFIAS DO ULTRAMAR

Pede-se aos nossos leitores que enviem por empréstimo fotografias legendadas relativas à acção da Marinha no Ultramar desde a eclosão do terrorismo, para eventual publicação na Revista ou utilização pelo grupo de trabalho nomeado pelo Despacho Ministerial n.º 26/73, de 2-3-73.
Se possível, prefere-se que sejam enviados os negativos.
Fotografias e negativos serão devolvidos logo que possível.

CAPAS PARA A REVISTA



Estão à venda na secretaria da nossa Revista, no Ministério da Marinha, capas para arquivar 30 exemplares da «Revista da Armada».
As capas impressas em *offset*, a 4 cores, são vendidas ao preço de 25$00. Podem ser remetidas pelo correio a quem o solicitar, sendo o preço acrescido dos respectivos portes.

a Pátria honrai

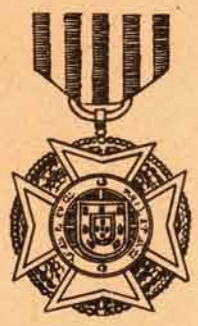
Revelando o segundo-tenente fuzileiro especial da Reserva Naval ANTÓNIO BENTO MARTINS FERRAZ, comandante de um grupo de assalto do Destacamento n.º 11 de Fuzileiros Especiais, possuir em grau elevado qualidades de combatente e de condutor de homens, bem como coragem, destemor e serena energia debaixo de fogo, foi-lhe justamente atribuida a medalha da Cruz de Guerra da 4.ª classe.

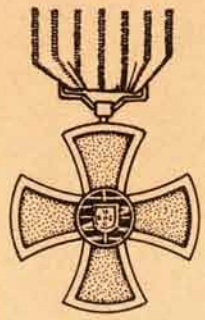
Participando numa operação desenvolvida pela sua unidade, ao entrar numa palhota de um reduto inimigo, na qual se encontrava um elemento armado, teve a presença de espírito e coragem para o dominar, apesar da resistência que ofereceu; este elemento inimigo, chefe de material de uma sub-base, forneceu indicações que permitiram a apreensão de grande quantidade de armamento.

Noutra operação, comandando o tenente FERRAZ o destacamento por impedimento do respectivo comandante e imediato, sofreu o seu pessoal pesadas flagelações por parte de grupos inimigos; é de salientar a sua actuação, conduzindo os homens sob as suas ordens de modo a pôr em debandada aqueles grupos.

Numa outra acção, em que várias vezes foi chamado a comandar meio destacamento, houve-se por forma deveras notável, tendo sido ferido e capturado um elemento inimigo e destruidos alguns acampamentos, num total de cerca de duas centenas de palhotas, bem como grandes quantidades de cereais.

N. R. – *O segundo-tenente fuzileiro especial da Reserva Naval* **FERRAZ** *é natural de Chaves, distrito de Vila Real.*





Pedro de Freitas Branco

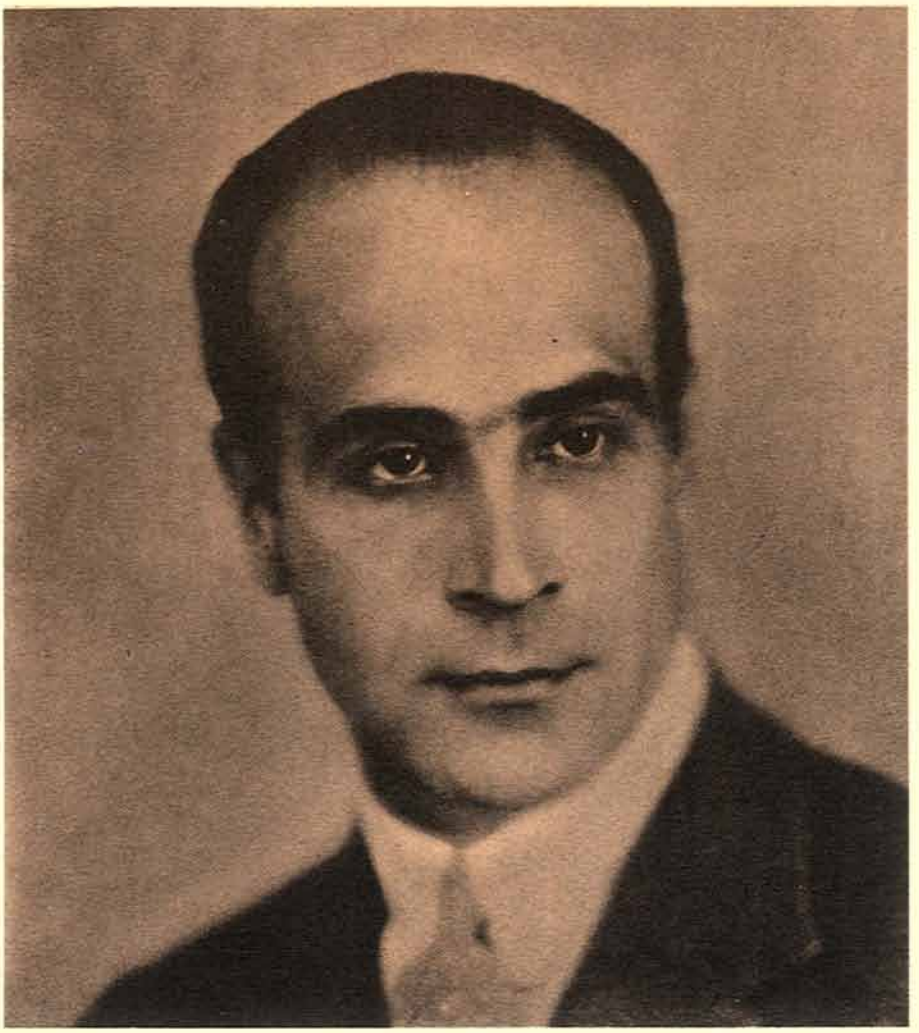
Um Músico que não esquece

Fez em Março passado dez anos que morreu o maestro Pedro de Freitas Branco. As emissoras oficiais e algumas organizações ligadas à música comemoraram de forma específica a efeméride. Durante algum tempo, o grande dirigente de orquestra esteve presente entre nós quer pela voz (religiosamente preservada nos arquivos magnéticos) quer pela sua música – interpretações pessoais de verdadeiro sentido criador.

Pedro de Freitas Branco começou relativamente cedo a sua carreira musical. Afirmou-se como director de orquestra entre nós muito tempo antes de ser uma figura internacionalmente conhecida. Os melómanos que têm já cabelos brancos recordarão com saudade os tempos em que Freitas Branco criou os concertos do Tivoli dirigindo durante alguns anos (poucos) uma orquestra sinfónica nessa sala de concertos. Foi director titular da Orquestra Sinfónica da Emissora Nacional até à sua morte e a ele se ficou devendo a estruturação e apuro técnico desse conjunto musical.

Homem inteligente e sensível, cativava os músicos pela sua simplicidade, educação e bondade.

A sua sensibilidade era apuradíssima, especialmente em relação à música dos impressionistas, nomeadamente Debussy, Ravel e Falla. Amigo pessoal de Ravel, as suas interpretações deste compositor francês eram efectivamente geniais. À frente da orquestra da Suisse Romande e da Radiotelevisão Francesa conheceu a notoriedade.



Algumas interpretações de Ravel (como a do «Bolero») e de Falla (como a do «Amor Bruxo») valeram-lhe o Grande Prémio Internacional do Disco. As suas gravações, perpetuar-lhe-ão a memória entre os amantes da boa música.

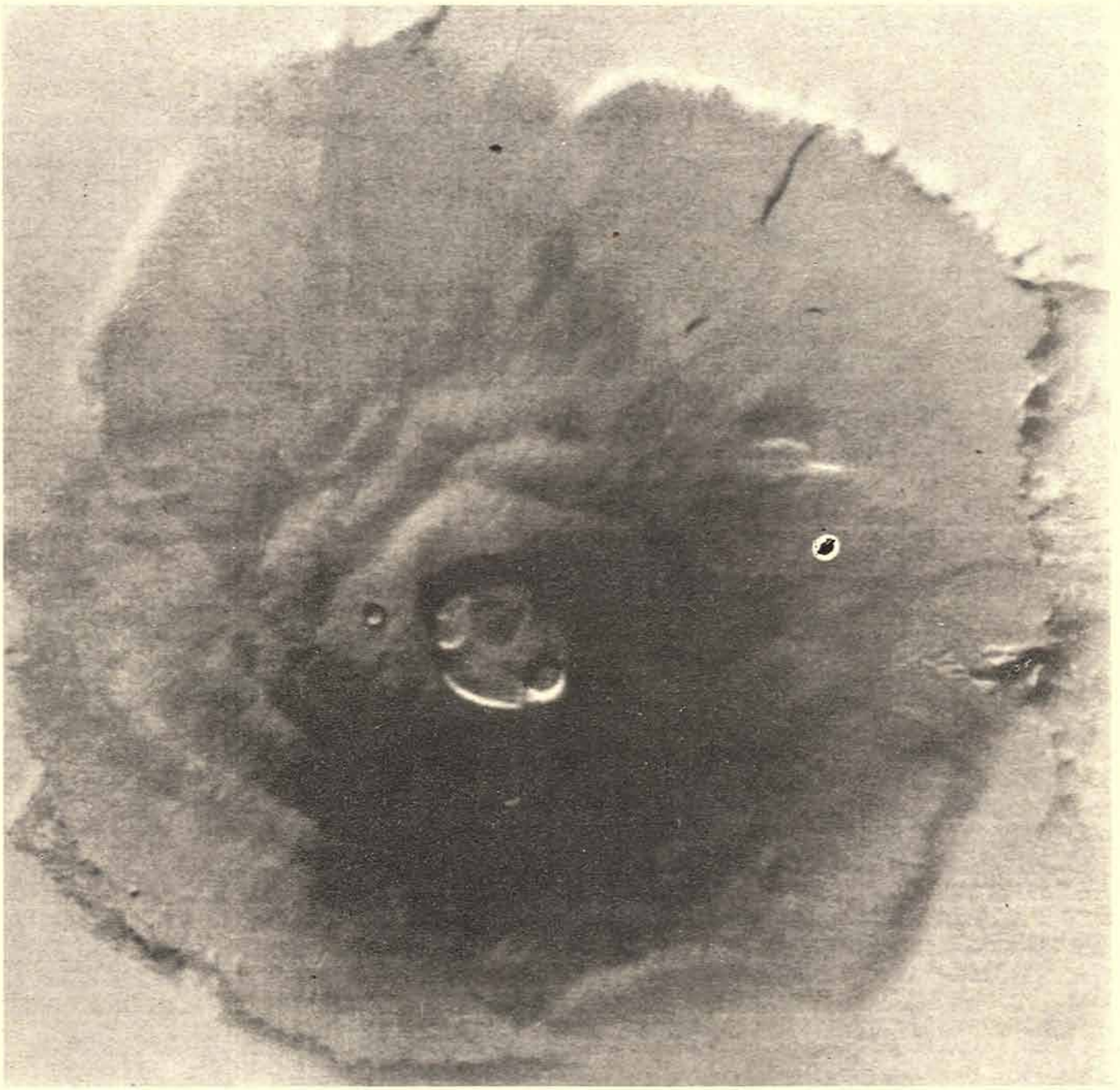
O. Lemos
Cap.-frag.

ciências
artes e letras

O CONHECIMENTO DO PLANETA MARTE

Desde 1965 que foi possível ao homem «ver» Marte de perto.
Com efeito, a sonda americana Mariner 4, após uma viagem que teve aspectos de aventura dados os sucessivos riscos de malogro que o engenho e o espírito de invenção do homem puderam superar à última hora, enviava para a Terra, através da sua antena parabólica orientada pela estrela Canopus e alimentada por um transmissor de 8 watts, as primeiras imagens da superfície do planeta.
Com alguma surpresa dos sábios, as fotografias mostravam um astro crivado de crateras, umas enormes, outras pequenas, de aspecto muito semelhante à desolada face da Lua. Passados quatro anos, duas sondas semelhantes – Mariner 6 e Mariner 7 – mostravam que o solo de Marte não era uniformemente salpicado de crateras e que havia zonas onde a sua densidade era pequeníssima. Por outro lado, desvendaram-se regiões que apresentavam um relevo caótico de proporções colossais e aspecto diferente de tudo o que se conhecia na Terra e na Lua. As mesmas sondas, revelaram ainda que a zona do planeta que os astrónomos desde longa data tinham designado pelo nome de deserto de Hellas não evidenciava qualquer irregularidade de tamanho superior ao poder de resolução do sistema óptico das máquinas de televisão. Nenhuma imagem obtida pelas três sondas mostrara quaisquer indícios de actividade vulcânica, acreditando-se, em face delas, que Marte seria um planeta morto do ponto de vista tectónico.
Porém, em Novembro de 1971, após 8 meses de viagem, chegava às vizinhanças do planeta Marte a sonda Mariner 9.
A sua companheira, a Mariner 8, que deveria precedê-la um pouco, tinha-se perdido a quando do lançamento.
Ao contrário das outras sondas, que passaram junto do planeta para continuarem depois a sua ronda sem norte no espaço interplanetário, esta – a Mariner 9 – iria ficar em órbita elíptica, gravitando em torno do planeta a distâncias que se situavam entre 1650 e 17 100 quilómetros. Marte passava a ter o seu primeiro satélite artificial!
Os cientistas responsáveis pelo programa respiraram fundo e prepararam-se para explorar com

Mosaico de fotografias mostrando os 3 montes da cordilheira de «Tharsis» e o «Nix Olympica» no canto inferior direito.

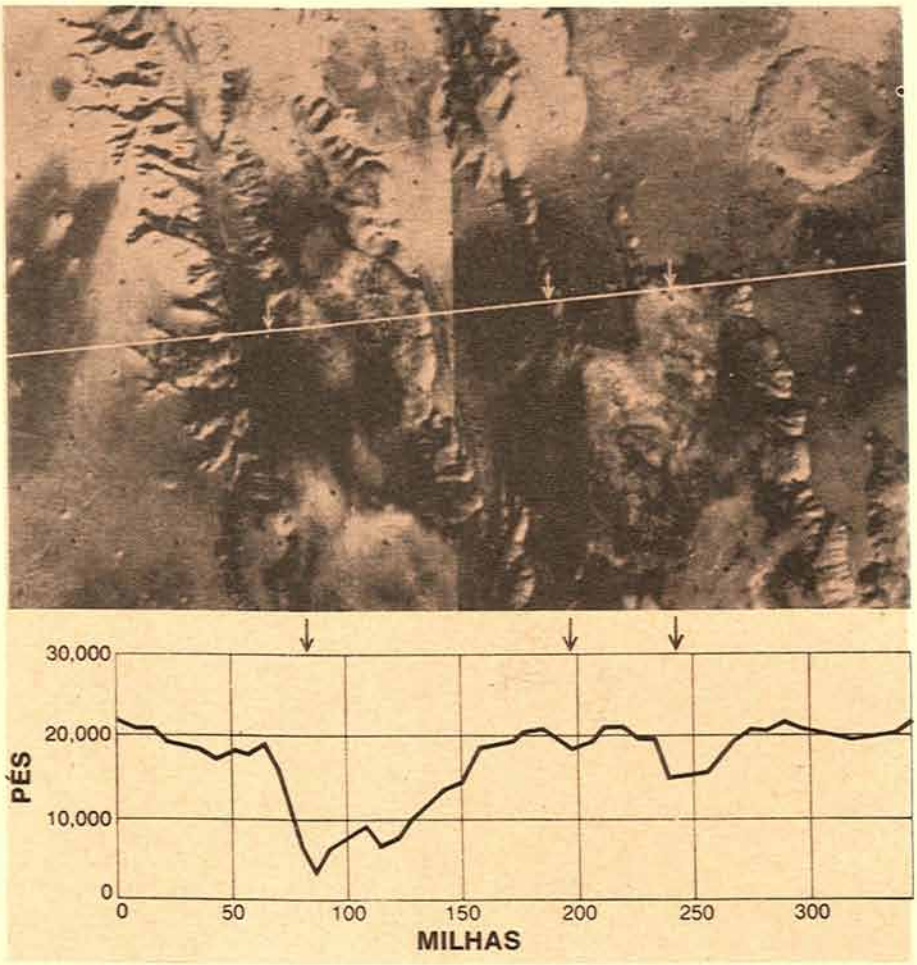


O «Nix Olympica» vendo-se a cratera com 4 caldeiras. Para se ter a noção de que se trata de um monte e não de uma depressão deve imaginar-se a iluminação vinda do cimo da página.

vagar, mas em grande expectativa, os dados colhidos pelos instrumentos que equipavam a sonda. Aconteceu, no entanto, ter-se desencadeado, pouco antes da chegada, uma tempestade de poeira tão violenta que a superfície total do planeta ficou escondida em densa camada de pó, facto sem precedentes de há 100 anos para cá. A sonda russa, que entretanto pousou no solo de Marte, registava ventos da ordem dos 500 quilómetros horários tendo sido aparentemente derrubada e posta fora de acção. Apesar de tudo, a expectativa dos cientistas não foi de todo gorada por tão tremendo acontecimento pois ele possibilitou descortinar desde logo quatro montes colossais cujos picos emergiam daquele mar de pó. Tratava-se do «Nix Olympica» que os telescópios já tinham evidenciado sem saberem do que se tratava (o nome quer dizer «neves do Olimpo») e da cordilheira de Tharsis.

Os sábios esperaram durante três meses que se acabasse a tempestade e que a poeira pousasse no solo, deixando transparente a ténue atmosfera de anidrido carbónico do planeta.

As fotografias que então se receberam cobriram praticamente toda a superfície de Marte revelando aspectos verdadeiramente sensacionais. Os montes já citados apresentavam enormes «caldeiras», indício seguro de actividade vulcânica. O monte «Nix Olympica»



Vales da região de «Tithonius Lacus» e perfil ao longo da linha assinalada.

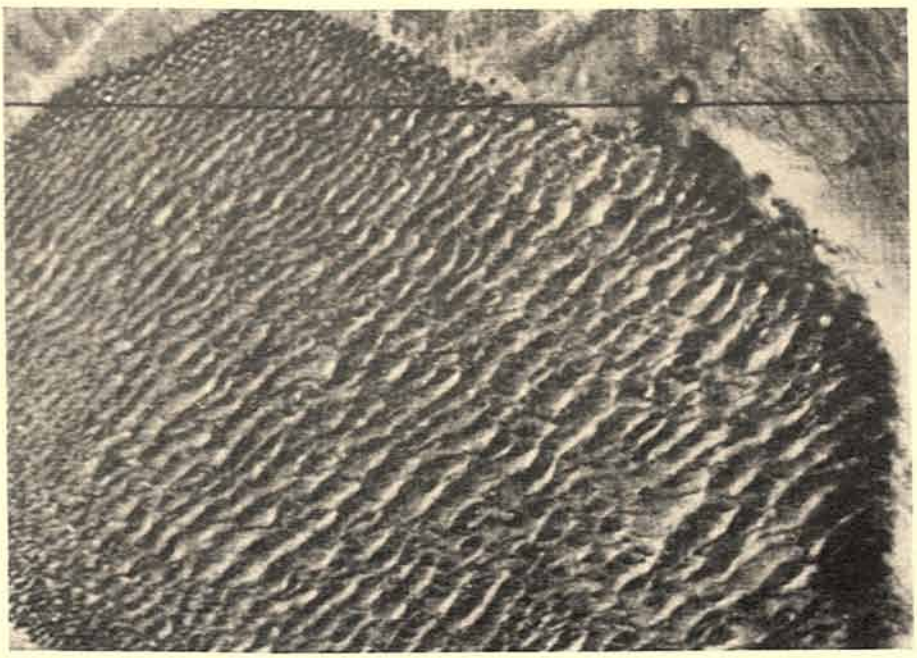
tem uma altitude que deve andar pelos 25 quilómetros (coisa inexistente quer na Terra quer na Lua). Tem uma base com a largura de 500 quilómetros, e a caldeira, com as suas aberturas vulcânicas, apresenta um diâmetro de 65 quilómetros. Para um planeta que é mais pequeno do que a Terra, trata-se de configurações orográficas espectaculares. Ao longo do equador, numa extensão de 4000 quilómetros, e para leste da cordilheira de Tharsis, existe um enorme «canhão» (vale profundo e estreito de paredes alcantiladas e de grande comprimento), com uma largura média de 100 quilómetros e com uma profundidade de mais de 6 quilómetros. A este «canhão» vão dar vales enormes que parecem cavados pela erosão da água, como se fossem leitos de rios secos numa bacia hidrográfica que tivesse ficado sem água. É esta configuração que, iluminada de certa maneira e no caso de existirem poeiras em suspensão na atmosfera do fundo dos vales, tem a aparência dos «célebres canais» quando vista da Terra.

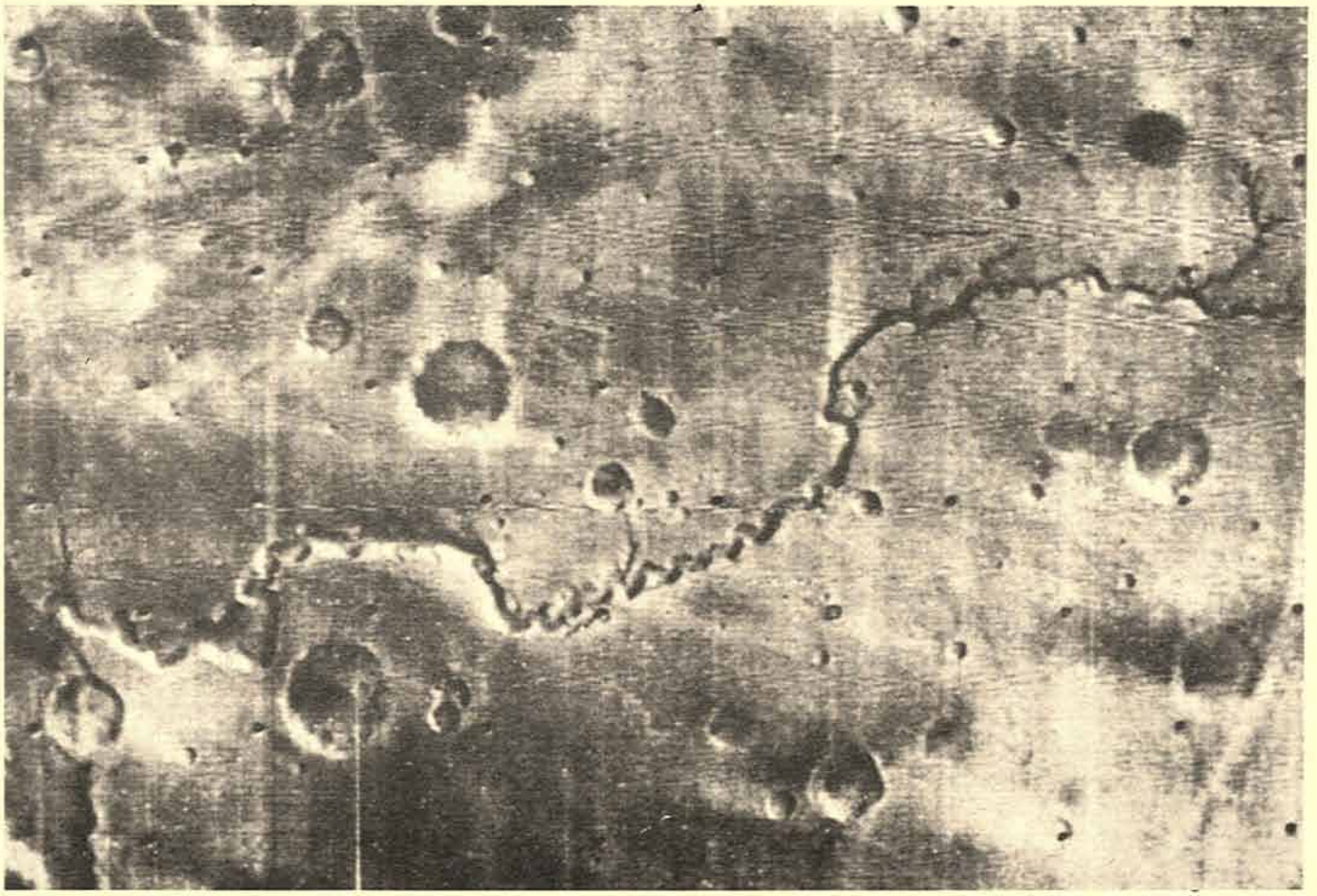
A origem destes «canhões» e «canais» é um dos enigmas fundamentais que esta missão do Mariner 9 veio levantar. É claro que é muito difícil olhar para estes canais sem pensar que tenham sido abertos pela água. Alguns cientistas asseveram que é a única hipótese viável. A existência de água em Marte, ainda que em era remota, tem, pelo seu significado para a vida, um interesse e importância fundamentais.

Teria havido, então, uma época na evolução de Marte em que a sua atmosfera seria semelhante à da Terra? Eis um mistério ainda por desvendar. Outras regiões de Marte mostram claramente sulcos que foram sem dúvida abertos por qualquer tipo de erosão líquida.

Numa das fotografias vê-se um vale sinuoso de 400 quilómetros de comprimento e cerca de 6 quilómetros de largura. O chamado «deserto de Hellas», que é uma área circular com mais de 1600 quilómetros de diâmetro e que tem sido observada da Terra há mais de dois séculos, é na realidade uma depressão sem mais relevos. Admite-se que a poeira a tenha enchido, cobrindo-a com uma camada uniforme. Julga-se até que funcionará como depósito de pó que passa a ser arrastado pelas violentas tempestades e transportado na circulação atmos-

Campo de dunas na região de «Hellespontus».



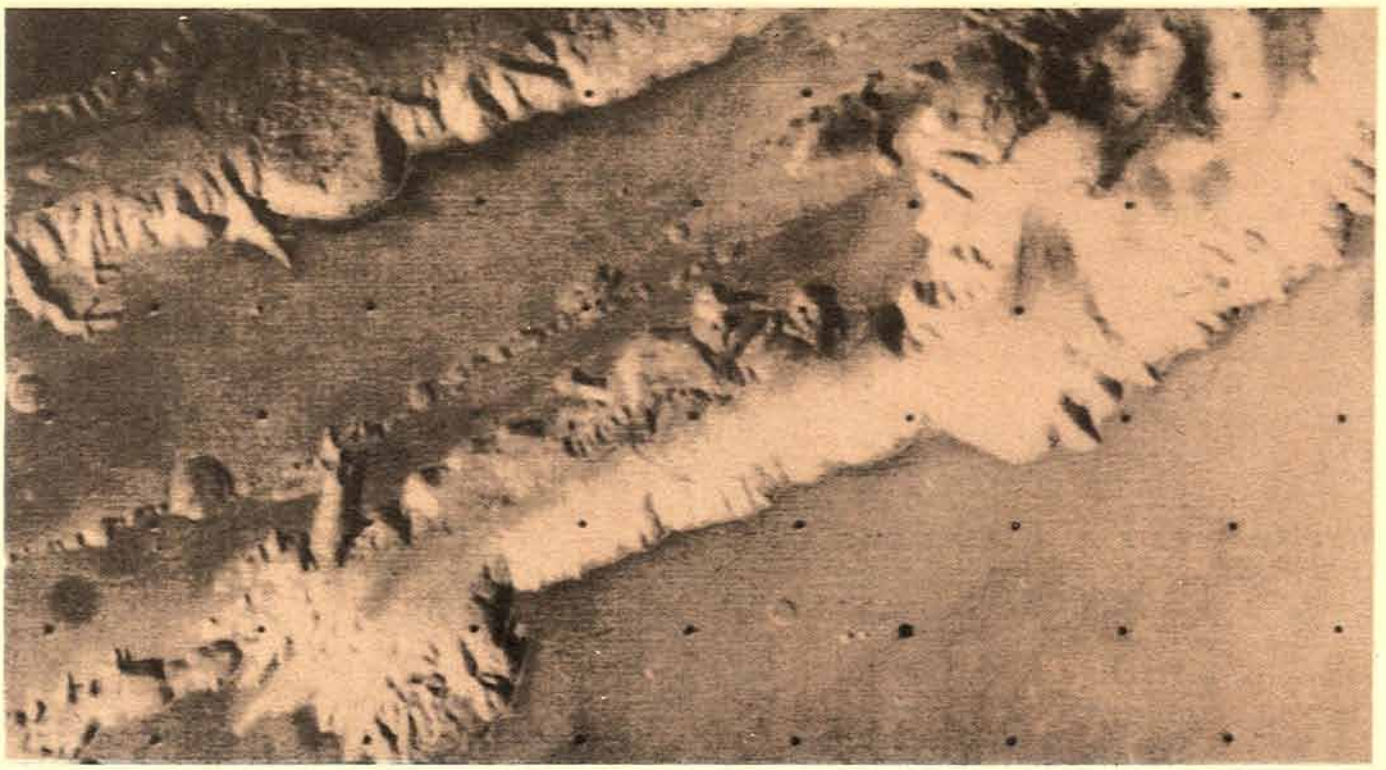


Vale sinuoso com 400 quilómetros na região do «Mare Erythraeum».

férica como aconteceu no início da missão Mariner 9.

Outra fotografia curiosa é a de um campo de dunas com 70 quilómetros descoberto no interior de uma cratera de 150 quilómetros de diâmetro. As cristas estão sepa-

Um «canhão», na região de «Coprates».



radas umas das outras de um quilómetro e meio. São efectivamente dunas colossais! A sonda permitiu elaborar um mapa de Marte com grande pormenor de configurações. Possibilitou ainda um estudo cuidado da calote polar sul e da sua redução à medida que decorria o «verão» naquele hemisfério. A calote é constituída por anidrido carbónico no estado sólido que sublima à medida que a temperatura aumenta. A Mariner 9 assistiu a essa transformação, verificando que, a certa altura, o ritmo de redução da calote polar, em vez de ser maior, permanecia quase nulo.

Os cientistas deduziram que por baixo da camada de anidrido carbónico estaria uma pequena calote de gelo. Este, como é sabido, evapora muitíssimo mais lentamente e daí a sua permanência sem modificação.

Outro dado curioso recolhido diz respeito à variação dos polos. Quando a calote polar se evapora as poeiras que o anidrido carbónico da atmosfera continha ficam depositadas em torno do polo dando a esta região um aspecto laminado. As fotografias revelaram que esses depósitos vêm tendo lugar em regiões variáveis, permitindo deduzir o trajecto do polo ao longo de um período de 100 milhões de anos. Como no caso da Terra, também os polos de Marte se deslocaram ao longo dos milénios. Nos próximos anos, espera-se poder analisar o solo de Marte e tirar conclusões acerca da possível existência de formas de vida, extintas ou não, no planeta.

O. Lemos
Cap.-frag.

bibliografia

VIAGENS NA MINHA TERRA, *por Almeida Garret.*
A editora Bertrand pôs no mercado mais uma edição da conhecida obra-prima de Almeida Garret.

OBRAS COMPLETAS DE ALVES REDOL.
Surgiram há pouco mais três obras desta colecção que a Europa-América está a editar. Trata-se dos romances «Marés», «Os Reinegros» e «Barranco de Cegos».

OBRAS COMPLETAS DE AQUILINO RIBEIRO.
Apareceram mais algumas obras desta colecção que a editora Bertrand vem dando a público. «A Batalha sem Fim», gesta magnífica e dramática de um povo antigo, de um primitivismo arqueológico, contado de maneira humana e tocante; «O Malhadinhas» e «Mina de Diamantes», ecos de uma nação – Portugal – primitiva e viril que se perdem na noite dos tempos.

OBRAS COMPLETAS DE ALEXANDRE HERCULANO.
Prosseguindo na edição das obras de Alexandre Herculano, a editora Bertrand lançou agora «O Bobo», romance histórico do maior interesse. A obra é prefaciada pelo prof. dr. Vitorino Nemésio e as notas que a acompanham são da autoria de António Lucas.

O INFERNO ESTÁ MAIS PERTO *(ficção), por Maria da Graça Freire.*
Este livro de Maria da Graça Freire é uma espécie de premonição pessimista de males futuros, inferidos a partir de sinais de decadência que alastram sobre as actuais gerações ameaçando subvertê-las. Nota-se, profundo, o desgosto de partilhar os tempos de hoje, sofrendo-lhe as marcas dolorosas.

TEREZA BATISTA CANSADA DE GUERRA *(ficção), por Jorge Amado.*
Este livro de Jorge Amado, surgido entre nós há algum tempo, tem sido um êxito de livraria. Para além da circunstância de se tratar de um livro do conhecido escritor brasileiro, o facto de ser realmente um grande livro de amor em qualquer literatura, garante-lhe uma firme preferência do público. É um fervilhar da vida, tumultuosa e sentimental, pujante de seiva. Tem de tudo, desde o reles que ressuma da gente marginal até à limpidez e grandeza do amor que redime todo o lodo onde a miséria se atasca.

O MUNDO DOS OUTROS *(ficção), por Gomes Ferreira.*
Conhece agora mais uma edição esta famosa e magnífica obra da moderna literatura portuguesa, onde desfruta de um lugar cimeiro.

SEXTA, 13 *(poesia), por Paula Almada Negreiros.*
Poemas de desencanto, repassados de uma mágoa que se sente desde a raiz das suas formas poéticas, embora estuantes de vitalidade, chama viva mas dolorida, forma contristada de estar no mundo face às coisas e aos outros, sempre como se não espera.

O. Lemos
Cap.-frag.

MANU FUTO

Pecadilho de TIMORENSE

Corpo delgado, miúdo, pele cor de castanha madura, variando do tom claro ao escuro, lipa traçada na cintura, pendente em forma de saia, chapéu de feltro na cabeça vindo de Singapura, ou da China (Taiwhan, segundo a nacionalidade averbada do comerciante local), modos comedidos, quase recatados, guarda-chuva de palmeira, dobrado debaixo do braço, o galo debaixo do outro braço, não é retrato completo, mas o essencial dum esboço desse homem curioso que é o Timorense. Juntando-lhe o cavalinho de metro e pouco de altura no garrote, desenvolvido, aliás, ao tamanho e peso do dono, teríamos proprietário de mais posses, mas não lhe faltaria de certeza, o galo, ou galos, de criação estremada, tão importantes, ou mais, que pessoas de família. No terreiro da casinha de palapa o galo de qualidade foi arredado dos outros, franganote ainda, e passou a receber cuidados de tratamento que deixavam a quilómetros as reminiscências da capoeira: alimentação especial, reforçada, o convívio íntimo do dono, os seus monólogos de carinho e de exortação, jogos de fintas com outros galos, andar de baloiço para fortalecer as pernas, o treino diário, enfim, para a hora da verdade. Deitou corpo o franganote. Não muito grande de tamanho, que seria insólito numa terra onde quase tudo é pequeno: as suas irmãs galinhas, capazes de voar desenvoltamente para as árvores, os porcos monotonamente esgalgados e cinzentos, os boizinhos com marca branca de palanca nos traseiros, os cavalicoques, trepadores exímios dos caminhos pedregosos da montanha; mas deitou

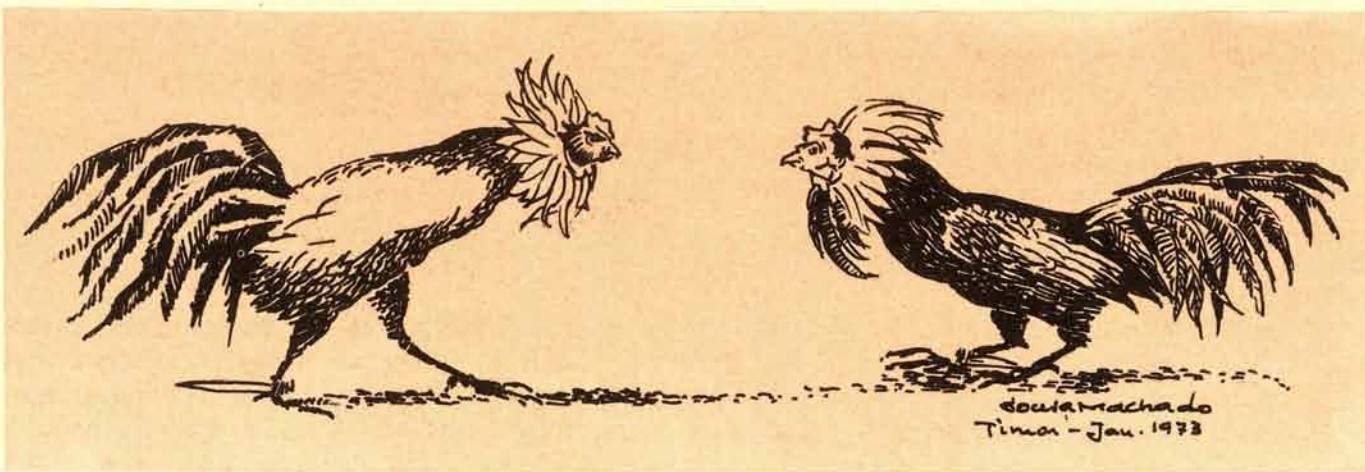
corpo robusto, de pescoço flexível, ginasticado, coxas fortes musculosas e ágeis no golpe de esporão; aprendeu a usar a lâmina de aço fino, bem atada entre os dedos e a canela, apontando para trás; aprendeu o salto da ofensiva, a pata da lâmina lançada em estocada fulminante; aprendeu a colar o corpo ao chão, no acachapar defensivo que correspondia quase a nascer de novo. Com isto, ficou o orgulho do dono.

Transportado carinhosamente, com autêntica devoção paternal acocorado no braço para o terreiro do bazar, ao domingo, aí encontra os primeiros adversários, que vence à hora pontificada. Redobram as carícias do dono, a mão leve alisando as penas do pescoço, das asas, do dorso, a voz mansinha falando aos ouvidos a oração de estímulo e de gratidão, o sopro da peninha preta, talismã da hora da vitória. Era galo invencível às quatro e meia.

O timorense tem o pecado do jogo enraizado na medula. É hereditário. Irredimível. Atávico. Quando não tem o que jogar, aposta. Dois timorenses sentados num muro apostam se o automóvel que passou vai voltar na rua à esquerda ou na rua à direita. Apostam quantas moscas são capazes de pousar simultaneamente à volta da chaga. Apostam, à noite, quantas vezes o lagarto das acácias e imbondeiros vai dizer «toquè». Conta-se que um apostou certa feita como o outro não era capaz de lhe decepar a cabeça de um só golpe de catana. E ganhou. O outro vibrou o golpe mas a cabeça ficou pendente de alguns tendões e fibras musculares. Apostam nos jogos de futebol e nas corridas de cavalos. E apostam, isso com a regularidade do movimento diurno, aparente, dos astros, nos seus galos de combate. Ao domingo, no bazar, pode faltar o milho, o tabaco entrançado, os pacotinhos de cal, a noz de areca, ou a folha verde de betel (e não faltam, não!) alinhados em montículos, pelo chão. Mas os galos para o combate, isso é que nunca! O timorense desce do alto da montanha, atravessa as várzeas verdejantes, atalha por mato de veados, de loricos e catatuas, traz pendente de meticuloso entrançado de tirinhas vegetais um ovo apenas. Ovo que leva ao bazar para vender. É toda a sua mercadoria. Podem oferecer-lhe preço superior pelo caminho. Não vende. O ovo é para venda na feira, no bazar. Anda quilómetros, dezenas de quilómetros com o ovo cuidadosamente pendurado na sua embalagem entrançada. Não vende pelo caminho. Tem de ir à feira. Ao bazar. No bazar, ao domingo, encontra os amigos, sabe notícias e vê o combate de galos. Vê, e aposta, claro. Pode apostar apenas o ovo que trouxe de mercadoria. Mas aposta. Se perde, perde. Se ganha, volta a apostar. O dinheiro pouco mais aplicações tem do que essa: apostar. Pago o imposto, dinheiro para viver mal precisa. Assim, ganhar ou perder é quase exclusivamente desportivo. É emoção pura. Fé na boa estrela, o destino pendente da boa ou da má hora.

Para o combate de galos a fé recai, sobretudo, na boa hora. Fé, ou técnica? É caso de pensar. Mas galo que deva combater às onze da manhã ninguém o fará defrontar adversário às nove e meia, ou às três da tarde. À volta do recinto circulam os candidatos. Logo muito cedo, ao colo do dono, ou do treinador (que às vezes o dono confia a indivíduo mais sagaz e conhecedor dos segredos da preparação para a luta) vão sendo atiçados contra potenciais concorrentes. Algumas vezes as negaças não pegam. Não se cria a inimizade que conduz à luta. Não é deflagrada a escorva. Outras, eriçam-se de pronto as penas do pescoço. É rival a explorar. Talvez mais uma vítima da estocada fulminante, fatal. É preciso averiguar a que horas está disposto a combater. Só interessa às quatro e vinte. Fazem-se render um pouco os preparativos, e às quatro e meia, à hora do golpe de misericórdia o adversário será prostado.

Aposta-se forte. Os galos são conhecidos. As apostas são, primeiro, entre os contendores. Um quer dois contos. O outro quer quatro. Acorda-se na média aritmética, e fica-se ainda muito longe das apostas maiores. Estas são, geralmente, para o bazar da cidade, em recintos com bancadas para espectadores, entrada paga, pa-



rada de campeão. Aqui, apostam-se dez contos num galo que pode morrer em menos de dez segundos. O tempo de os aproximar, a atiçar a genica toda, de os largar. Penas do pescoço eriçadas como colar irradiante, cabeça projectada para a frente, olhinhos de fogo, chispando, a sugerir que a luta seja de bico contra bico, mas não: saltam ambos, peito contra peito, uma agitação quase indecifrável de penas, de asas abertas, de pernas atiradas para diante, e um fragor momentâneo, surdo. Não se vê como, pois tudo se passa em fracções de segundo; mas o mais hábil, o mais forte, (talvez só o mais feliz) lançou uma estocada com a lâmina afiadíssima, de uns seis ou oito centímetros de comprimento, bem dentro do coração do outro. E este cai logo. Fulminado. O bater das asas, agora é apenas o estertor da morte. O dono do vencedor toma de pronto o seu herói nos braços, e beija-o de contentamento e mal disfarçado orgulho.

Nas bancadas há o alvoroço dos que apostaram por fora e vão receber, ou perderam. Circulam notas. Notas grandes em mãos de gente com aparência muito modesta. Camisa de cor original difícil de imaginar, notas amarfanhadas de valor identificável apenas por ligeiras reminiscências, calças à europeia, ou lipa fabricada nos teares caseiros, linguajar estranho com tetum e chinês em profusão, calor, cheiro de transpiração, isto é o intervalo para o combate seguinte. Novas apostas. Um dono pode ter mais fé do que dinheiro e recorrer então à contribuição de simpatizantes do seu galo, ou de simples apostadores profissionais com olho entendido. A aposta de galo contra galo faz-se muitas vezes por comparticipação múltipla, espécie de sociedade por cotas de duração efémera.

Para observador menos entendido alguns lances do combate são imperceptíveis. Mas não para os versados. No ataque simultâneo desferido com a rapidez da fiecha, no restolhar de penas eriçadas, asas sacudidas, pernas tensas como arietes prontos a desferir impiedosos o golpe de esporão postiço de aço afiadíssimo, o olho turístico não vê, não se apercebe do que ocorre. Mas não acontece assim com a multidão local entusiasmada que assiste, a quem os dentes se mudaram assistindo, vibrando, vivendo já estes momentos de emoção e expectativa. Com muita frequência os detentores dos galos, os donos ou os «managers», correm a tomá-los nos braços consumado um assalto. Alguns sangram abundantemente. Mas de ambos os lados se procuram recolher vantagens. Dos que sangram, a pressionarem a zona lacerada, a comprimirem os vasos para diminuir a hemorragia, a incutir baixinho no ouvido do galo combatente mais uns momentos de ânimo, a assoprar na peninha preta de talismã. Do outro lado, ajeita-se a lâmina do esporão, apertam-se os fios que a seguram, limpa-se, lubrifica-se com o polegar e o indicador humedecidos em saliva; é um ganhar tempo para o galo próprio se recompor e deixar o outro perder mais sangue. Há quem desconfie que os menos honestos aproveitam a ocasião para depositarem na lâmina uma substância corrosiva.

O combate, todavia, nunca se decide por pontos. Não há técnicas nem virtuosismos a angariarem valorização. O combate decide-se por morte e vitória, ou quando um foge, negando-se ao combate, voltando a cauda ao adversário.

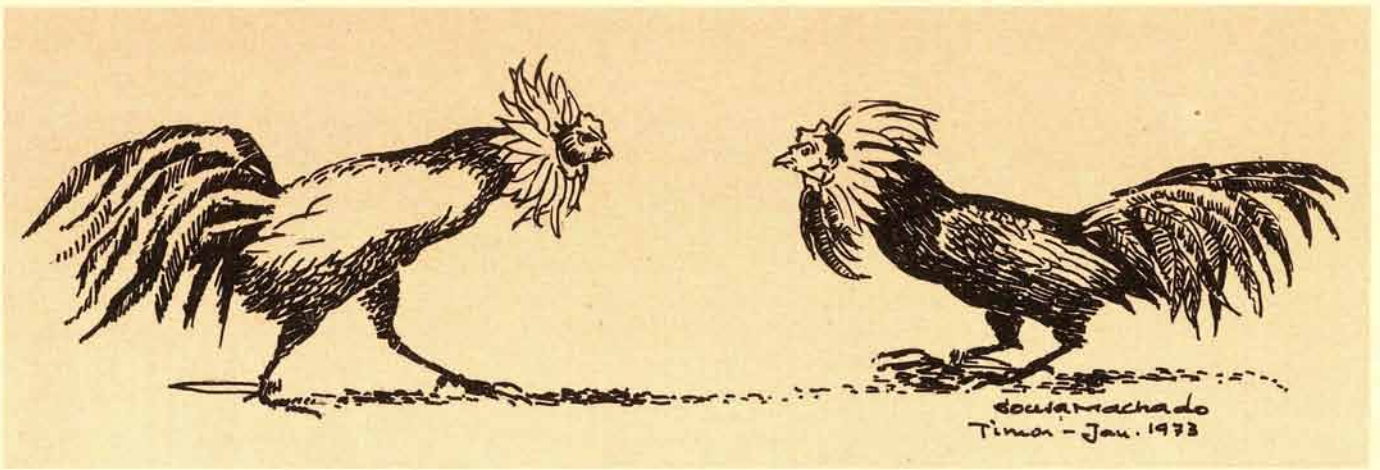
Se algum deles, ainda no colo do dono, fixa o antagonista e eriça as penas, é sinal de medo, e perde. O outro, o vitorioso, quase sempre canta. Parece que saboreia o prazer de ter vencido, e demonstra-o. O dono do que ganha fica com os dois.

É assim o manu futo. No bazar, o domingo inteiro, ou na cidade, todos os dias, os galos se defrontam, se matam, se golpeiam, o dinheiro – o dinheiro que poucas mais aplicações possui – corre das mãos de uns para as mãos de outros, em notas sujas, amarrotadas, alimentando o vício inveterado daqueles homens simples, de pequena estatura, cruéis a seu modo, mas de tal respeito que não pisam nunca a sombra da bandeira.

Mar da China, Janeiro de 1973.

Sousa Machado

Cap.-frag.



saibam todos

Que as únicas classes de oficiais da Armada que usam cores designativas são as dos médicos e farmacêuticos navais, com as cores carmesim e verde, respectivamente.

Que o uso destas cores não é aplicável aos oficiais generais da classe dos médicos navais.

Que os oficiais da reserva da Armada, com direito a pensão e os oficiais reformados, quando na efectividade do serviço, usam os uniformes estabelecidos no Plano de Uniformes dos Oficiais, Aspirantes a Oficial e Cadetes da Armada.

Que aos oficiais da reserva da Armada, com direito a pensão e aos oficiais reformados, quando não estejam prestando serviço efectivo, é permitido o uso dos uniformes que vigoravam à data do seu ingresso naqueles quadros.

Que o pessoal da Armada em serviço militar nas províncias ultramarinas é dispensado do uso dos seguintes uniformes:

Oficiais:

- uniformes n.os 1, 2A e 2B;
- jaqueta azul, colete branco padrão n.º 1 e colete azul dos uniformes n.os 4A e 4B, com excepção dos oficiais das guarnições das corvetas e das fragatas ou de outros navios de tonelagem superior;
- uniformes n.os 3A e 3B, apenas para os oficiais das unidades de fuzileiros nas zonas de operações.

Sargentos:

- uniformes n.os 1 e 2, apenas para os sargentos e praças das unidades de fuzileiros nas zonas de operações.

Que os sargentos e praças da reserva da Armada com direito a pensão e os reformados podem usar sempre os uniformes estabelecidos pelo Regulamento de Uniformes e Pequeno Equipamento para Sargentos e Praças da Armada para o pessoal do efectivo.

Que os reformados e o pessoal da reserva A acima mencionado, não prestando serviço, podem, contudo, usar os uniformes em vigor na data em que deixaram o serviço efectivo.

Que os sargentos e praças das reservas de Marinha, com excepção do pessoal atrás indicado, só podem uniformizar-se durante os períodos em que prestarem serviço militar, enquadrados por pessoal do activo, com ele concorrendo ou durante os períodos de instrução e treino.

Que ficam isentos do pagamento do imposto do selo e de emolumentos as licenças para ausência do País dos militares nas seguintes situações:

- Oficiais e sargentos do quadro permanente no activo, reserva ou reforma e praças do mesmo quadro em qualquer situação;
- Oficiais, sargentos e praças, não pertencentes ao quadro permanente, na prestação do serviço efectivo.

S. Elpídio
Cap.-frag. AN

notícias pessoais

CASAMENTOS

2.º-ten. SG José Gomes Ferreira casou, em 12-3-73, com D. Maria Isabel Leonor Braz.

Subten. FZ RN Francisco Xavier Vaz de Almada casou, em 17-2-73, com D. Maria Joana Paiva de Andrade Reis.

Guarda-marinha António Catarino Rodrigues de Sousa casou, em 25-2-73, com D. Maria Isabel da Silva Alves de Carvalho.

Guarda-marinha Arménio Cunha casou, em 25-2-73, com D. Maria do Rosário Tavares de Almeida Toscano.

Cadete RM Carlos Alexandre Chaves Magano e Silva casou, em 25-2-73, com D. Maria Antónia Teixeira Paulino Chaves.

1.º-sarg. A António de Oliveira dos Santos Baptista casou, em 6-1-73, com D. Isabel da Conceição Machado.

1.º-sarg. CM José Francisco casou, em 3-2-73, com D. Ilda dos Santos.

1.º-sarg. H Álvaro de Jesus Teixeira casou, em 8-3-73, com D. Maria He-

lena J. Ramalho.
1.º-sarg. H Ângelo da Assunção Silva casou, em 18-3-73, com D. Maria de Lurdes Magarete.
9583/Mar. FZE – José Isidoro Félix casou, em 14-1-73, com D. Maria Helena T. R. de Matos.
1095/67/Mar. S – José Manuel Rebelo casou, em 28-1-73, com D. Maria de Lurdes A. Dias.
205/69/Mar. L – Rui Ferreira da Horta casou, em 29-1-73, com D. Ana Maria C. da Silva.
346/71/Mar. T – José Manuel Martinho Pimenta casou, em 14-1-73, com D. Maria Isabel M. Góis.
2829/69/1.º-gr. A – António Rodrigues dos Santos casou, em 21-1-73, com D. Ermelinda da Cruz Rodrigues.
2853/71/2.º-gr. FZ – Delfim Fernando de Jesus Neves casou, em 14-1-73, com D. Ana Maria G. F. da Costa.

PASSAGENS À RESERVA

Com. MN Luís Maria da Veiga Rica passou à Reserva Aa em 1-2-73.
Cap.-ten. AN José Leal Camões Godinho passou à Reserva Ab em 31-1-73.
1.º-ten. Luís Alfredo Tenório de Figueiredo passou à Reserva Ab em 31-1-73.
1.º-ten. SG Américo Ferreira Gonçalves passou à Reserva Aa em 31-1-73.
Sarg.-aj. FZM Joaquim Martinho Trindade passou à Reserva Aa em 6-3-73.
Sarg.-aj. ARE Rogério de Oliveira dos Santos Gaiteiro passou à Reserva Ab em 19-3-73.
1.º-sarg. C Joaquim Leal passou à Reserva Aa em 11-3-73.
743/Cabo CM – Freitas passou à Reserva Aa em 15-3-73.

FALECIMENTOS

Com. AN RF Ilídio de Oliveira Barbosa faleceu em 31-3-73.
Com. ECN RF Carlos Teodoro da Costa faleceu em 16-3-73.
Cap.-m.-g. RA Augusto Martins de Almeida Joglar faleceu em 4-3-73.
Cap.-frag. José Januário da Conceição e Silva faleceu em 18-3-73.
Guarda-marinha RF José Manuel Sarsfield Rodrigues faleceu em 28-2-73.
1.º-sarg. ACM Joaquim Maria Bento faleceu em 26-3-73.
1.º-sarg. A RA António Pinheiro de Oliveira faleceu em 10-3-73.
2.º-sarg. FZ Francisco Martins Fernandes faleceu em 25-2-73.
372/Cabo F RA – José da Mata faleceu em 2-2-73.
2249/1.º D RA – Manuel José de Carvalho faleceu em 25-2-73.
1656/2.º J RA – José Pedrosa faleceu em 6-2-73.
277/69/Mar. FZ – António Rodrigues Campos faleceu em 10-2-73.
107/70/Mar. TFD – Ludgero Fernandes Torres Nunes faleceu em 6-3-73.
887/70/Mar. CM – Fernando da Conceição Dias faleceu em 5-2-73.
524/70/1.º-gr. FZ – Francisco António Palma faleceu em 32-2-73.
1142/72/2.º-gr. T – Armindo Joaquim faleceu em 28-2-73.

voz da abita

Do sarg. FZ Adérito dos Santos Pinheiro, em serviço no estado de Angola, recebemos uma carta de que transcrevemos:

«Santo António do Zaire, 7-3-73.
«Respeitosamente cumprimento V., desejando ao mesmo tempo as melhores felicidades a todos quantos colaboram na nossa querida Revista.
«(...) Não sou nenhum escritor, nem nenhum poeta primoroso, apenas, com a inspiração de quem vive nestas terras, e como há um pouco de tempo para tudo, às vezes tornamo-nos românticos casuais.
«Se acharem que algum interesse têm as minhas pobres aspirações a romancista, podem utilizá-las, pois sentir-me-ia agradecido.
«(...) Se acharem conveniente e se me derem a vossa autorização, de quando em vez enviarei umas horas de boa disposição.
«Com os meus respeitosos cumprimentos e o desejo das maiores prosperidades para a nossa Revista.»

N. R. – *Pode enviar toda a colaboração que desejar e a sua inspiração lhe permita. O poema «O Mar», agora recebido, será apreciado pela Comissão de Redacção e publicado se for caso disso.*

De mar. TFD n.º 276/66, Nany, recebemos a carta que transcrevemos:

«Ponta Delgada, Açores, 25 de Março de 1973.

«Para vós, impulsionadores de tão querida obra, orgulho de todos quantos servem ou serviram a nossa gloriosa Armada, vai o meu voto de prosperidades esperando ser aceite como contribuinte das páginas da nossa Revista.

«Encontro-me nos Açores, em comissão de serviço no N. R. P. «S. Nicolau».

«Envio do coração o meu muito obrigado.»

N. R. – *A poesia «Noite», que acompanhava a carta, será apreciada pela Comissão de Redacção e publicada se for caso disso.*

De Manuel da Silva Marques, 1.º-gr. FZ, em serviço no Grupo n.º 2 de Escolas da Armada, recebemos uma carta que transcrevemos:

«Alfeite, 20-3-73.

«Aproveito a oportunidade para cumprimentar V. e quantos colaboram na nossa querida Revista.

«Ultimamente tenho seguido todos os passos da «Revista da Armada» e congratulo-me pelos êxitos que tem alcançado, sendo uma honra para a nossa Armada e orgulho para quantos prestam serviço na «Briosa».

«Com o poema que junto – se for digno de ser publicado –, quero colaborar um pouco na Revista de todos nós.

«Atenciosamente com um abraço.»

N. R. – *O poema recebido será apreciado pela Comissão de Redacção e publicado se for caso disso.*

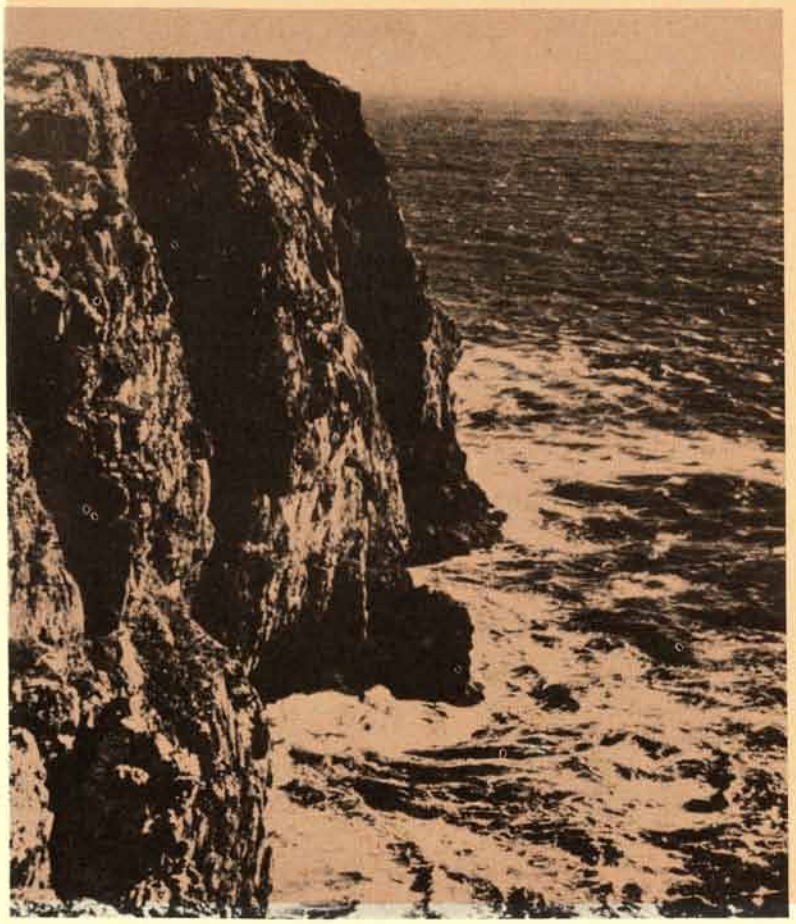
Mãe

Tão longe!
Mas mesmo a esta distância,
não consigo olvidar
um só momento sequer,
as tuas feições rugosas,
que sempre lembro chorosas
desde o dia da largada.

Hoje aqui, nesta inconstância,
sempre me baila na mente
o quanto eras contente,
antes de eu ir de abalada.

Guardo sempre na lembrança,
as palavras de esperança,
que muitas vezes trocámos,
quando, juntos, conversámos.
E quantos projectos feitos
eu vejo agora desfeitos,
pelo inesperado ingresso
nesta vida tão austera.
Mas acredita que um dia,
a um canto escondida,
a alegria nos espera!

Agostinho
Mar. L



ALMA CATIVA

Lá muito longe, no cabo do Mundo,
Onde há falésias negras sobre o mar
E o «mostrengo» no seu giro vagabundo
Sobre elas pela noite vem poisar;

Lá muito longe, no cabo do Mundo
Onde há fantasmas negros a gritar
E a Morte entoa um canto gemebundo
Que o uivo das hienas faz lembrar;

Lá... onde adeja a asa do infortúnio
Numa noite de eterno novilúnio;
Lá muito longe, no cabo da Terra,

Há um castelo negro e pavoroso,
Onde solta o seu grito angustioso,
A minh'alma cativa que ele encerra.

O. Lemos
2.º-ten.
Caramulo, 1952

SAUNA
um banho de saúde

Já começam a tornar-se de conhecimento corriqueiro (mas nunca demais) os malefícios de certo estilo de vida essencialmente urbano, onde o emprego é suspeito autor, e a sociedade conivente, em crime de lesa pessoa que se detecta nos sintomas iniciais por estúpidas noites em claro, por infinito cansaço e náusea ao contacto dos primeiros afazeres obrigatórios de cada dia. Remédios? Evidentemente que há muitos. Muito melhores os de renúncia, que suporíferos ou tranquilizantes engolidos apenas para atalhar um mal já instalado.

Atenção, porém, que não vimos aqui para invadir domínios do foro clínico. Terapêutica de trazer por casa, quando muito.

Pois, quando o mundo que nos cerca não é positivamente a natureza com a tranquila presença dos seus bosques oxigenados, dos seus montes e vales, riachos e flores, ou do mar largo onde os ares puros apenas sopram por vezes com força desusada (e escusada...), quando a nossa emoção não é solicitada apenas a contemplar o verde dos prados, o azul do céu, o branco das nuvens, os laranjas cambiantes do pôr do Sol, quando a nossa natureza se confina a paredes ou anteparas a poucos metros do nariz, luz artificial, ar artificial, anidrido carbónico por todo o lado, fumo de cigarro, fumo de tubos de escape, bebidas fortes, temperos fortes, lenitivos de sais de frutos e águas alcalinas para recomeçar um dia igual, de emoções iguais, repetidas, traumatizantes, pois aí poderá ajudar um bocadinho o sauna.

Que é o sauna?

Antes de mais, o sauna é um agente físico, de calor generalizado a toda a superfície do corpo, cuja reacção se traduz no fenómeno fisiológico da transpiração. Ambiente tropical refinado? Será como estar num daqueles lugarzinhos africanos, asiáticos ou indonésicos de latitudes digitais onde a própria respiração se atabafa com quarenta graus à sombra em noventa e nove por cento de humidade? Não. Nem sequer o ambiente do sauna deve ser húmido. O sauna é, essencialmente, um banho de calor seco. A humidade ambiente não deve exceder os 18% conquanto não desça também dos 5%.

O sauna provoca uma exsudação forçada pela pele, envolvendo a fisiologia deste processo uma libertação extraordinária de toxinas, que, naturalmente, deixam o corpo mais são, mais descontraído, psiquicamente mais tranquilo. Quem alguma vez experimentou pequena intoxicação por alimentos mal conservados deu-se conta, primeiro, de certo estado ansioso nem sequer denunciando a origem, depois, com incómodos mais acentuados, sentiu, acompanhando as náuseas, um suor frio por toda a pele, o organismo libertando-se a seu modo das toxinas ministradas. Ora, a fadiga, os excessos alimentares, os traumatismos psíquicos quotidianos, tudo isso é

recolha de toxinas, menos virulentas talvez que as de mielina deteriorada, e como tal menos vítimas de reacção pronta duma exsudação não forçada, mas nocivas, responsáveis por transtornos que são o mal diário dum estado geral pouco feliz. Eliminá-las por exsudação provocada é, desde logo, tratamento lógico a que se junta o benefício duma ausência de ingestão medicamentosa, tantas vezes responsável, também, por introdução de substâncias dificilmente elimináveis e não absolutamente inócuas. Em suma, o sauna é tratamento de eliminação pela via natural da pele.

Dizem que o sauna emagrece. É verdade que sim. Por umas horas, pelo menos. Mas contar com isso como cura é esperança demasiada. Os obesos normais, os obesos de comer bem e beber melhor, agarram-se a tudo quanto lhes consta que faz perder peso sem sacrfício da gula. O sauna pode fazer perder alguns quilos, sem dúvida, mas breve se recuperam. Não se culpe o sauna; culpe-se a gula. O sauna é perda de água através da pele. Como tal, implanta, desde logo, um aspecto e função saudável da pele. Secundado, como deve ser, por bom chuveiro de água fria, estimula os músculos, torna mais firmes certos complexos flácidos, melhora, portanto, a postura, a elasticidade, a descontracção, a própria resistência ao esforço físico. Mas emagrecer, isso, só com o tal sacrificiozinho que muitos persistem em ignorar. Uns copos depois do sauna restauram o nível de água (e de peso) que se havia perdido... Como processo eficiente de eliminação o sauna é muito útil a quantos fazem uma vida parada, sem exercício físico. Os intelectuais, os escravos do papel e das repartições, os esgotados e nervosos adquirem revigoramento e descontracção, regularizam o sono, esclarecem as ideias.

Entre nós fala-se ainda de sauna como bizantinice de hoteis de luxo, ou organização ligada a institutos de beleza, pendendo para o feminino, com direito à reacção de desagravo dum machismo histórico. Nos países nórdicos as instalações de sauna andam, em número de uma por cada oito ou dez habitantes. Como nos custaria a reconhecer que é por civilização a mais, dizemos que é por sol a menos. E todavia, até em casa se pode ter um sauna. Num quarto, numa casa de banho, numa garagem, num anexo. Quantas casas, de há uns anos atrás, não possuem ainda aquele compartimento tresandando a mofo, respirando bafio, onde se enfiavam visitas de certa cerimónia (coitadas!), permanecendo depois fechado dias e semanas? Pois um sauna, aí, seria muito mais saudável, de maior proveito para toda a família (e até para as visitas...).

Para uma instalação de sauna é suficiente um compartimento pequeno, na realidade basta uma caixa com dois metros de altura, dois metros de comprimento e entre um metro e metro e meio de largura; são dimensões, aliás, que permitem a posição de sentado ou de pé. O interior, especialmente uma espécie de banco alongado, que dê para duas posições, deve ser de madeira, (material mau condutor) perfurada, ou em xadrês e o todo convem ser estanque. Neste espaço coloca-se qualquer fonte de calor, sem chama, de preferência que não consuma oxigénio. Uma vasilha com água e alguns seixos grandes (ou tijolos) em recipiente onde possam molhar-se, completam o recheio.

Ligada a fonte de calor, em pouco tempo o sauna está operativo. Como o ar frio, mais denso, ocupa os níveis inferiores, empurrando para cima o ar quente, pode acontecer que a temperatura nos pés seja, por exemplo, de 20 ou 25 graus, no tronco, de 70º e na cabeça, de 80 ou 100 graus. As posições sentado ou deitado reduzem ou anulam esta diferença térmica, não muito agradável em si, e particularmente prejudicial para a circulação. Um pouco de exercício físico e um banho morno dão a melhor predisposição ao tratamento de sauna, ajudando com o activar da circulação e a uniformização da temperatura do corpo a retirar dele todo o proveito. O trajo recomendado é, no máximo, a parra do humano primogénito. Cada indivíduo costuma reagir a uma temperatura óptima de exsudação, para uns, à volta de 80 graus, para outros 100 ou mesmo 120 graus. O hábito, ou prática anterior destes tratamentos indicarão a temperatura ambiente mais recomendável, convindo de início experimentar os níveis mais baixos do compartimento, com temperaturas à volta dos 50º. Durante o mesmo banho pode mudar-se para níveis mais altos (havendo três bancos, ou degraus, por exemplo) onde o último pode ter já uma temperatura dupla da primeira.

Sendo o sauna, como se disse, um banho seco – e essencialmente isso – não deve, todavia, deixar-se descer o grau de humidade abaixo de 5%. É para isso que servem os seixos, ou tijolos, e a água. Meio copo de água sobre os seixos quentes evapora-se imediatamente deixando o ambiente confortável. De resto, com humidade muito alta, as temperaturas elevadas tornavam-se insuportáveis: a 100 graus seria um banho de vapor com inevitável cozedura ao longo do tempo e, mesmo a 50 graus, a atmosfera saturada torna-se irrespirável, sufocante. Só com percentagens muito baixas de vapor de água o sauna é suportável.

Durante o banho «seco», uma fricção por todo o corpo com luva de crina, ou pano áspero estimula a pele e as secrecções. Cinco minutos de exsudação são suficientes para a primeira parte do tratamento. Em seguida deve tomar-se um banho de chuveiro frio, rápido, começando pelas pernas, tronco, e terminando na cabeça. Depois, novamente o sauna por dez minutos, e a terminar, outro chuveiro frio. Um banho de chuveiro morno ou quente suprimiria grande parte dos efeitos do sauna.

O período pós-sauna deve ser de relaxamento e

descanso. Um quarto de hora embrulhado em roupão confortável, distendido, recuperando do esforço que o coração teve de suportar. Este descanso é absolutamente indispensável, ou o feitiço volta-se contra o feiticeiro: o sauna passa de tratamento de saúde a tirocínio para a viagem sem regresso. Além do mais, é preciso estar-se perfeitamente bem do coração; nada de pensar que o sauna é caso sério. Mas vá ao médico. Veja se a «máquina» está boa. Depois experimente o sauna. Vai ver que vale a pena. O sauna é um banho de saúde!

Sousa Machado
Cap.-frag.

---

desportos

Campeonato de Futebol da Armada

A ESCOLA DE FUZILEIROS E O GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA, FINALISTAS DA PROVA AO VENCEREM NAS MEIAS-FINAIS RESPECTIVAMENTE A ESCOLA NAVAL POR 5 - 1 E O GRUPO N.º 2 DE ESCOLAS DA ARMADA POR 5 - 3.

A Escola de Fuzileiros um finalista com justas pretensões ao título de campeão de 1973!

O G. 1 E. A. esteve mais uma vez na final por mérito próprio!

A equipa da D. S. A., 4.ª classificada da série A. De pé e da esquerda para a direita: Soares, Vicente, Maia, Baião, Santos, Portela e Durães. De joelhos: Figueira, Silva, Figueiredo, Ramos, Silva e Tobias.

A equipa do C. S. D. M. não repetiu o brilharete do ano passado. De pé e da esquerda para a direita: Pinto, Freixial, Cabaço, Pascoal, Gomes, Moreira e Pernas. De joelhos: Guedes, Adrião, Brito, Cerqueira, Passos, Xavier e Viegas.

FUTEBOL

Damos a seguir as classificações finais das quatro séries da fase de apuramento do Campeonato de Futebol da Armada:

SÉRIE A

	J	V	E	D	B	P
1.º – G. 2 E. A.	4	4	-	-	11-2	12
2.º – C. E. F. A.	4	3	-	1	7-5	10
3.º – B. N. L.	4	1	1	2	4-7	7
4.º – D. S. A.	4	1	1	2	1-8	7
5.º – Flot. Draga-Minas	4	-	-	4	2-3	1

A Flotilha de Draga-Minas averbou 3 derrotas por falta de comparência.

SÉRIE B

	J	V	E	D	B	P
1.º – N. E. «Sagres»	4	3	1	-	10-2	11
2.º – Escola de Fuzileiros	4	3	1	-	12-3	11
3.º – Ag. Draga-Minas	4	2	-	2	6-7	8
4.º – «Magalhães Corrêa» B	4	1	1	2	1-9	6
5.º – «João Belo» A	4	-	1	3	1-1	1

A equipa da «João Belo» A averbou 3 derrotas p. f. c.

SÉRIE C

	J	V	E	D	B	P
1.º – «Gago Coutinho»	4	3	-	1	25-2	10
2.º – Escola Naval	4	3	-	1	2-3	10
3.º – C. S. D. M.	4	3	-	1	2-4	10
4.º – «João Belo»	4	1	-	3	0-12	4
5.º – «Schultz Xavier»	4	-	-	4	0-8	1

Nesta série houve que fazer uma nova **poule** entre os três primeiros classificados e que forneceu os seguintes resultados:

Escola Naval	3	- C. S. D. M.	2
«Gago Coutinho»	1	- Escola Naval	8
C. S. D. M.	0	- «Gago Coutinho»	3

Assim a equipa do C. S. D. M. não foi apurada para a fase final.

As equipas da «João Belo» B e do «Schultz Xavier» averbaram, cada uma delas, 3 derrotas p. f. c.

SÉRIE D

	J	V	E	D	B	P
1.º – G. 1 E. A.	4	4	-	-	13-4	12
2.º – I. N. Alcântara	4	2	1	1	9-5	9
3.º – «Magalhães Corrêa» A	4	2	1	1	6-5	9
4.º – «Maio»	4	1	-	3	5-15	6
5.º – Museu de Marinha	(desistiu da prova)					

As equipas das Inst. Navais de Alcântara e «Magalhães Corrêa» A fizeram um jogo de desempate, cabendo a vitória à fragata que assim passou à fase final.

FASE FINAL

Foi disputada por oito equipas, cujos jogos forneceram os resultados seguintes:

N. E. Sagres»	1	- Escola Naval	2
Esc. Fuzileiros	3	- C. E. F. A.	0
(após prolongamento)			
G. 2 E. A.	3	- «Gago Coutinho»	0
G. 1 E. A.	2	- «Magalhães Corrêa»	1
(após prolongamento)			

Para as meias-finais ficaram apuradas as equipas das Escolas e dos Grupos tendo-se registado os seguintes resultados:

Escola de Fuzileiros	5	- Escola Naval	1
G. 1 E. A.	5	- G. 2 E. A.	3

Assim, disputarão a final do campeonato de futebol, a Escola de Fuzileiros e o G. 1 E. A., apontados desde início como principais favoritos para a conquista do título. No próximo número apresentaremos uma pormenorizada reportagem da final.

JÚDO

Nos passados dias 13 e 14 de Fevereiro, disputaram-se os Campeonatos de Judo da Armada. As provas efectuaram-se no ginásio da Escola de Fuzileiros e os judocas foram divididos nas categorias seguintes:

LEVES

Nesta categoria participaram 10 concorrentes. A prova efectuou-se no sistema de eliminatórias, tendo sido vencedor Gomes, da Escola de Fuzileiros.

MEIOS-MÉDIOS

Apenas 5 concorrentes disputaram a prova nesta categoria que se realizou no sistema de **poule**. O vencedor foi Machado da Escola Naval com 4 vitórias e 37 pontos totalizados.

MÉDIOS

Prova realizada no sistema de eliminatórias, à qual concorreram 7 participantes. A final foi ganha por Aníbal, do C. E. F. A.

CAMPEONATO ABSOLUTO

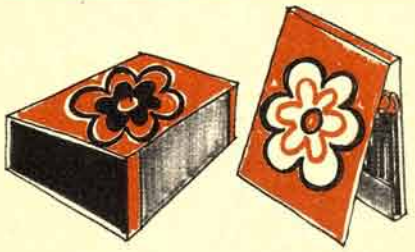
Presentes 13 concorrentes que disputaram a prova pelo sistema de eliminatórias. Aníbal, do C. E. F. A., que já havia vencido a categoria de médios, sagrou-se campeão absoluto, tornando-se o judoca mais em evidência nestes IV Campeonatos de Judo da Armada de 1973.

ACTIVIDADESDOC.N.O.C.A.

Realizaram-se as regatas que tinham como objectivo a selecção para o Campeonato Ibérico da classe 420. A equipa Leal Faria - - Pinheiro, tendo vencido 3 das 6 regatas, classificou-se num excelente 3.º lugar na tabela final. O C. N. O. C. A. far-se-á representar naquele campeonato com 4 tripulações.

Estão em curso os campeonatos nacionais da II Divisão nas modalidades de voleibol e râguebi, mas, infelizmente, os últimos resultados não têm sido tão animadores como se desejaria.

Pedro Caeiro
Cap.-ten.



Filumenismo

Por despacho de 3 de Novembro do ano findo, do ministro da Educação Nacional, foram aprovados os estatutos da Associação Portuguesa de Filumenismo.

No seu artigo primeiro, especifica-se que a referida Associação tem por objectivos:

a) Fomentar o movimento filumenístico em todos os sectores;

b) Divulgar as regras deste modo de coleccionar etiquetas, carteiras e caixas de fósforos e propagandear as suas virtudes, quer como veículo de cultura quer de entretenimento;

c) Difundir através de jornais ou revistas, portugueses ou estrangeiros, o alto valor do filumenismo nacional e procurar incrementar a sua expansão além-fronteiras;

d) Realizar palestras culturais, conferências, exposições ou colóquios sobre assuntos filumenísticos junto de todos os agrupamentos juvenis, fomentando a divulgação do filumenismo e orientando as novas colecções;

e) Editar um boletim de filumenismo ou assegurar a continuação do já existente;

f) Proceder ao estudo de etiquetas ou carteiras de fósforos e publicar esses estudos para divulgação pública;

g) Fomentar uma troca de impressões com as fábricas nacionais, tendo em vista uma melhoria de edições que justifiquem o orgulho em motivos nacionais para as carteiras ou etiquetas, quer para o Continente quer para o Ultramar português;

h) Assegurar a todos os coleccionadores o recebimento de todo o material que as fábricas portuguesas possam vir a editar.

Estabelecem os mesmos estatutos que a Associação Portuguesa de Filumenismo será formada por todas as pessoas que aderiram àqueles e agrupará todos os filumenistas em todo o território nacional – continental, insular ou ultramarino –, núcleos portugueses radicados no estrangeiro ou indivíduos de qualquer nacionalidade, indiferentemente do seu credo religioso, político ou racial.

A sede e secretaria da Associação Portuguesa de Filumenismo está instalada na cidade do Porto, no segundo andar do n.º 400 da Rua Formosa.

Os órgãos directivos da Associação Portuguesa de Filumenismo são três:

a) Assembleia geral;

b) Direcção;

c) Conselho fiscal.

Nos termos do artigo 6.º dos estatutos podem ser admitidos como sócios:

a) Sócios honorários: as pessoas que prestem relevantes serviços a esta Associação ou ao filumenismo em geral; estes sócios serão dispensados do pagamento de jóia e de quota;

b) Sócios filumenistas: todos aqueles que:

1 – Solicitem a sua inscrição por escrito à direcção ou preencham a proposta existente para esse fim;

2 – Aceitem e cumpram os estatutos da Associação ou determinações directivas;

3 – Tenham sido aceites em reunião da direcção;
4 – Contribuam com o pagamento de jóia e quota inicial.

Quanto ao preenchimento desta última obrigação, consideram-se três categorias de sócios, todos obrigados ao pagamento de jóia no valor de 50$00:

– Sócios efectivos, cuja quota mensal é de 20$00;
– Sócios juvenis (até à idade máxima de 17 anos), pagando uma quota mensal de 10$00;
– Sócios correspondentes (só para residentes fora do distrito do Porto e que não desejem ser efectivos), cuja quota mensal é de 12$50.

Além destes, prevê-se ainda uma última categoria de sócios: a de auxiliares, que, não sendo filumenistas, desejem, de qualquer modo, auxiliar a Associação.

Todos os sócios (com excepção dos auxiliares) têm direito a receber gratuitamente o boletim mensal, à frequência da sede e à participação em todas as realizações organizadas pela Associação.

M. Sousa
Cap.-m.-g. RA
(Sócio fundador e membro da Associação Portuguesa de Filumenismo)

filatelia

OS SELOS E A ARMADA NAVIO-ESCOLA «SAGRES»

O presente apontamento é ilustrado com um selo que mostra a velha «Sagres», à qual e a partir de 1927 passaram a estar ligadas as gerações que serviram ou ainda servem a Armada.

O nome adveio-lhe do promontório de onde o Infante D. Henrique deu a palavra de ordem da Epopeia dos Descobrimentos. Lançada à água em 1896, passou à propriedade de Portugal em 1916, sendo integrada na Armada em 1924.

Depois de diversas modificações fez a sua primeira viagem como navio-escola em 1927, tendo como patrono o Infante, dando início a longa e brilhante carreira que a tornou famosa, passando a ser cantada como «Ninfa dos Mares e Noiva de Marinheiros».

Durante largos anos percorreu os mares e visitou portos de todo o Mundo, impondo-se tanto pela elegância e a beleza das suas linhas como pelo tradicionalmente brilhante aprumo dos seus marinheiros que deram jus a muitas e honrosas citações.

Participou em competições náuticas, tendo, em 1958, obtido o primeiro lugar na regata Brest-Las Palmas.

Em 1962, foi substituída pela actual «Sagres» e, com outro nome e sem navegar, continua no Alfeite, certamente recordando saudosa, todos aqueles anos em que foi, efectivamente, a Ninfa dos Mares e a Noiva de tantos Marinheiros de Portugal.

G. Brandão
2.º-ten. SG

SELOS PORTUGUESES EM EVIDÊNCIA

Como resultado de um inquérito levado a efeito por uma importante revista italiana da especialidade, os três selos que ilustram este comentário foram considerados dos mais belos do mundo, postos a circular em 1972.

Embora as opiniões e os gostos possam divergir, a verdade é que a distinção é a todos os títulos honrosa para a filatelia portuguesa e mostra a atenção e o interesse que os nossos selos merecem no mundo.

De notar que dois dos selos referidos foram desenhados por Alberto Cutileiro.

A NOSSA EXPOSIÇÃO EM MARCHA

Mercê do honroso patrocínio do secretário de Estado da Informação e Turismo a nossa exposição filatélica realizar-se-á num dos salões do Palácio Foz, aos Restauradores, muito amavelmente cedido para o efeito.

Pela localização e pelo prestígio tradicionalmente concedido a todas as manifestações ali realizadas é, sem dúvida, o que de melhor poderíamos desejar pois certamente nos garantirá um número de visitantes que muito gosto nos trarão com a sua presença. Esta notícia é motivação bastante forte para nos sentirmos orgulhosamente reconhecidos.

OS C. T. T. E A NOSSA EXPOSIÇÃO

É também com o maior contentamento que confirmamos o alto patrocínio concedido pelo Correio-Mor e pelo director dos Serviços Industriais dos C. T. T., ilustres personalidades a quem muito devem a filatelia e os filatelistas de Portugal.

A prestimosa adesão permite-nos a reprodução de um selo ilustrativo na capa do catálogo da exposição, a execução de um carimbo comemorativo do acontecimento e, bem assim, o funcionamento de um posto de correio no local da exposição, onde será obliterada a correspondência que para o efeito ali for presente. Este patrocínio, aliás indispensável em qualquer exposição ou mostra filatélica, garante-nos o nível, a projecção e o interesse do grande público, que é, afinal, o desejado pelos coleccionadores de selos da Armada.

SOBRESCRITOS COMEMORATIVOS

Ambicionamos, naturalmente, que o sobrescrito comemorativo desta primeira exposição consiga o relevo e o significado expressivos que são apanágio destas iniciativas e que as tornam assim interessantes e valiosas.

Este objectivo foi perfeitamente alcançado, dado que a sua ilustração será executada pelo pintor Alberto Cutileiro, nome sobejamente conhecido e apreciado nos meios filatélicos pela realização de alguns dos mais belos selos postais postos a circular na metrópole e nas províncias ultramarinas.

Assim, temos a garantia de que vamos ter um sobrescrito merecedor do maior interesse e que será bem acolhido no meio filatélico nacional, projectando para longe e por muito tempo a nossa 1.ª Exposição Filatélica da Armada.

INSCRIÇÕES

As inscrições para a 1.ª Exposição Filatélica da Armada encerram no dia 20 de Maio corrente, encontrando-se em distribuição os respectivos boletins de inscrição na Secretaria da «Revista da Armada», no Ministério da Marinha, durante as horas normais de expediente, podendo os mesmos ser enviados pelo correio a quem o solicitar por escrito ou pelo telefone (36 89 60 – extensão PS-3).

G. Brandão
2.º-ten. SG

* CURIOSIDADES

Engenheiros alemães conceberam um novo tipo de barcaças, «hidrobarcaças de abrir». O corpo da embarcação consiste em dois elementos ocos, flutuantes, ligados à frente e atrás por charneiras fáceis de abrir rapidamente por um sistema hidráulico simples e robusto. Para accionar a mecânica basta um homem, sendo a embarcação esvaziada em poucos segundos. Este tipo de barcaça destina-se principalmente ao transporte de material dragado (saibro, pedras, lama, etc.). No seu porão transporta o material dragado para a margem e lança-o pelas fendas interiores do corpo da embarcação.

(Do Boletim Analítico da J. N. M. M., de Fev. 73)

O RECRUTAMENTO DE 1938 COMEMOROU O 35.º ANIVERSÁRIO

Prosseguindo no que vai sendo já uma tradição na nossa Armada, o recrutamento de 1938 voltou a reunir-se no passado dia 11 de Fevereiro, para a sua confraternização, em almoço realizado num restaurante de Sesimbra.

Desta feita, houve a participação de esposas e filhos (também alguns netos), circunstância feliz que imprimiu uma maior vivacidade e alegria à reunião e que serviu para fortalecer a amizade que sempre uniu os componentes dessa «Escola».

Uma visita em autocarro ao castelo da histórica vila marcou o início desta confraternização, após o que foi servido o almoço. Antes, um minuto de silêncio em memória de todos os camaradas falecidos foi comovidamente sentido.

Os convivas, cerca de 60, viveram então algumas horas de eufórica alegria, fazendo desfilar as muitas e saudosas recordações da longínqua juventude. Foi com prazer que se voltaram a ouvir a voz melodiosa e fadista do Mário, o humor das canções do Baltazar e as anedotas do «Carcavelinhos».

(Colaboração de Miguel Ferreira, ex-grumete)

UMA EXPOSIÇÃO EM HOMENAGEM A MAURÍCIO DE OLIVEIRA

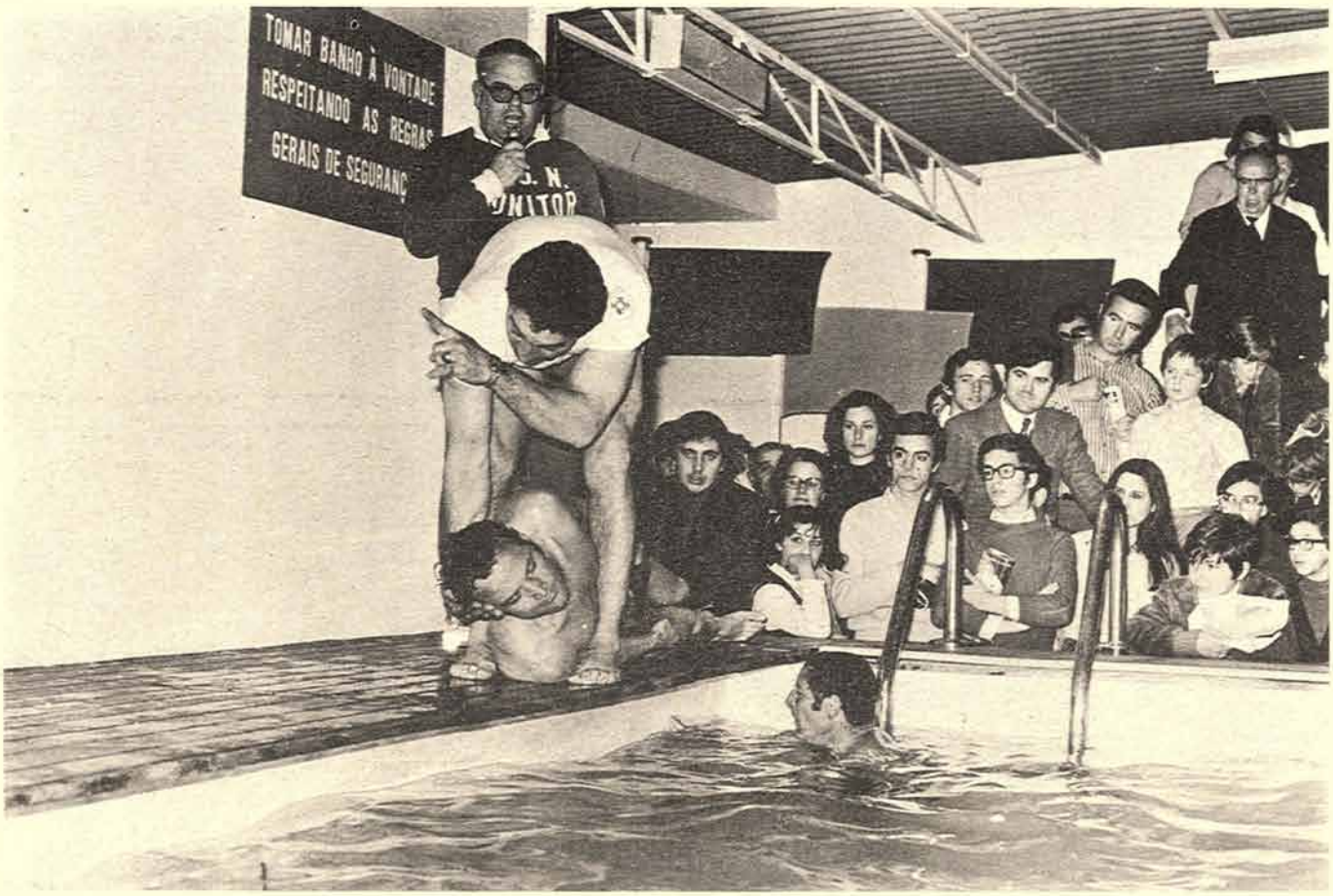
Inaugurada por Sua Excelência o Presidente da República, com a presença do ministro da Marinha e do secretário de Estado da Informação e Turismo, bem como de altas personalidades e de familiares daquele jornalista, abriu no passado dia 8 de Março num dos salões do Palácio Foz uma exposição subordinada ao tema «O navio e o mar».

Trata-se de uma parte do trabalho que Maurício de Oliveira se encontrava a organizar e que considerava o mais importante de toda a sua vida jornalística – a «História da Marinha Portuguesa», obra em que era seu colaborador o artista plástico Telmo Gomes, a quem se fica a dever a iniciativa desta exposição retrospectiva da vida do jornalista que para além da sua profissão, ao mar e aos navios consagrou dedicada afeição e a quem a Marinha muito ficou a dever.

VISITAS DE ESTUDO DO CURSO SUPERIOR NAVAL DE GUERRA

Nos dias 9 e 13 de Março, os oficiais alunos do curso superior naval de guerra visitaram as instalações do Laboratório de Física e Energia Nucleares e do Laboratório Nacional de Engenharia Civil.

Foram acompanhados na primeira destas visitas pelo comodoro Ferraz de Carvalho e na segunda pelo director do Instituto Superior Naval de Guerra, contra-almirante Sequeira Araújo, e por alguns professores deste estabelecimento de ensino da Armada.



GOZE UM VERÃO TRANQUILO EM SEGURANÇA!

Este foi um dos *slogans* que o Instituto de Socorros a Náufragos utilizou como motivação das atenções de toda a população, em especial da camada juvenil, para as regras de segurança a respeitar durante a época balnear que se avizinha e cuja promoção começou já a ser feita.

Na Feira das Indústrias de Lisboa, decorreu de 9 a 18 de Março a exposição Nauticampo 7, em que o Instituto participou apresentando um *stand* no qual se podiam apreciar várias indicações sobre as suas infra-estruturas e meios de salvamento, bem como os tipos de embarcações salva-vidas em construção, nomeadamente dois salva-vidas de casco de aço encomendados ao Arsenal do Alfeite e cuja entrega se prevê para os fins do corrente ano ou princípios do próximo.

Apresentou igualmente esta instituição um pavilhão no qual foi montada uma piscina com as dimensões de 9×5×1,3 metros em que um grupo de nadadores-salvadores executava demonstrações de salvamento e primeiros socorros; estas demonstrações eram completadas com a projecção de *slides* com motivos do mar e seu fundo cedidos pelo Centro Português de Actividades Submarinas e pela exibição de um filme respeitante a actividades de salvamento e preparação de nadadores-salvadores, facultado pela Embaixada australiana.

De registar a elevada assistência a estas sessões, especialmente por parte dos jovens que acorreram em grande número, dada a excelente colaboração prestada pelo Secretariado para a Juventude que, envidando os seus melhores esforços e mobilizando os meios ao alcance, contribuiu para a comparência de cerca de 12 000 alunos dos diversos estabelecimentos de ensino da capital e arredores a estas exibições ao vivo de situações que podem vir a desenrolar-se na realidade. Deste modo, interessando e orientando a juventude do País, talvez possamos vir, num futuro próximo, a encarar com tranquilidade a época em que todos procuram retemperar as forças e repousar de um ano de actividade com a segurança que se ambiciona.

Sua Excelência o Presidente da República, na visita que efectuou ao certame, acompanhado pelo ministro da Marinha e por outras individualidades, assistiu à inauguração das actividades e demonstrações levadas a efeito neste pavilhão do Instituto de Socorros a Náufragos.

EM VALE DO ZEBRO NOVOS FUZILEIROS RECEBEM AS SUAS BOINAS

O comandante naval do Continente, contra-almirante Ferrer Caeiro, presidiu no dia 15 de Março às cerimónias destinadas

a encerrar o 29.º curso de fuzileiros especiais, em que obtiveram a sua especialização 2 oficiais, 16 cadetes e 87 sargentos e praças e a que assistiram o director dos Serviços de Instrução, comodoro Rodrigues Alho; o comandante da Escola Naval, comodoro Barahona Fernandes; o comandante da Força de Fuzileiros do Continente, capitão-de-mar-e-guerra Pinheiro de Azevedo, e outras entidades civis e militares.

Prestada homenagem à memória dos fuzileiros mortos em combate, foi feita uma exortação pelo director do curso, 1.º-tenente FZE Mendes Fernandes, após o que se procedeu à distribuição de prémios e medalhas e à entrega de boinas, findo o que desfilaram os novos fuzileiros especiais perante as entidades presentes.

NOVA UNIDADE PARA A ARMADA

No dia 16 de Março efectuou-se em Cartagena o lançamento à água da corveta «Baptista de Andrade» que fica assim a constituir a mais recente unidade da nossa Marinha.

A cerimónia teve a presença de várias entidades espanholas, entre as quais o almirante Yusti Pita, capitão-general da Zona Marítima do Mediterrâneo e representante do chefe do Estado-Maior da Armada de Espanha; o vice-presidente do conselho de administração da Empresa

Nacional «BAZAN», D. Angel Morales, e outras personalidades civis e militares.

A Armada portuguesa achava-se representada pelo chefe do Estado-Maior, vice-almirante Ornelas e Vasconcelos, pelo director das Construções Navais, comodoro Rogério de Oliveira, e pelo adido naval em Madrid e outros oficiais.

A madrinha da nova corveta foi a Exma. Sr.ª D. Ida de Ornelas e Vasconcelos, esposa do chefe do Estado-Maior da Armada de Portugal.

Nesta sua deslocação ao país vizinho o vice-almirante Ornelas e Vasconcelos apresentou cumprimentos ao ministro da Marinha e ao chefe do Estado-Maior da Armada de Espanha e visitou a Capitania General e várias instalações da Zona Marítima do Mediterrâneo.

CELEBRAÇÃO PASCAL DA ARMADA

Realizou-se no dia 18 de Março na Sé Patriarcal de Lisboa a cerimónia da comunhão pascal dos elementos da Armada, que foi presidida por D. António dos Reis Rodrigues, bispo de Madarsuma e capelão-mór das Forças Armadas.

Ao acto, que foi muito concorrido, assistiu a Sr.ª D. Gertrudes Thomaz, esposa de Sua Excelência o Chefe do Estado.

Depois da solenidade foi servido nos claustros da Sé o pequeno-almoço a todos os participantes, o qual decorreu num ambiente de grande confraternidade cristã.

JURAMENTO DE BANDEIRA NO GRUPO N.º 1 DE ESCOLAS DA ARMADA

Sob a presidência do director do Serviço de Instrução, comodoro Rodrigues Alho, e com a assistência do director do Serviço do Pessoal, capitão-de-mar-e-guerra Tengarrinha Pires, do comandante da unidade, capitão-de-mar-e-guerra Vosgien de Noronha, e de outras entidades civis e militares, realizou-se no passado dia 23 de Março, em Vila Franca de Xira, o juramento de bandeira dos recrutas que constituem a 1.ª incorporação do corrente ano.

Premiados os alunos mais classificados, foi lida uma exortação e proferida a fórmula do juramento de bandeira, após o que os 930 recrutas entoaram o hino nacional, procedimento inédito e de grande efeito espectacular.

A cerimónia prosseguiu com o desfile das forças em parada sob o comando do capitão-tenente Ferreira Pinto, exibindo-se depois os alunos em exercícios de preparação física, manejo de armas e luta de ataque e de defesa.

BODAS DE PRATA DO RECRUTAMENTO DE 1948

No restaurante do Supermercado da Marinha, no Alfeite, realizou-se no passado dia 25 de Março um almoço de confraternização comemorativo do 25.º aniversário do recrutamento de 1948.

Assistiu ao repasto grande número de «filhos da escola» – cerca de 120 – daquele recrutamento, a que presidiu o cap.-frag. RA António Sérgio de Pereira Cardoso, oficial do comando da Escola de Alunos Marinheiros no ano de 1948. A preceder o almoço foi guardado um minuto de silêncio pelos camaradas já falecidos.

Passaram-se, então, algumas horas em ambiente de grande entusiasmo e sã camaradagem, recordando peripécias de um passado já distante.

No fim da festa foi nomeada uma comissão para preparação e organização da confraternização do próximo ano.

(Colaboração do 1.º-sarg. T António S. O. Coxo)

ANTIGOS MARINHEIROS DA ARMADA FUNDAM UMA ASSOCIAÇÃO

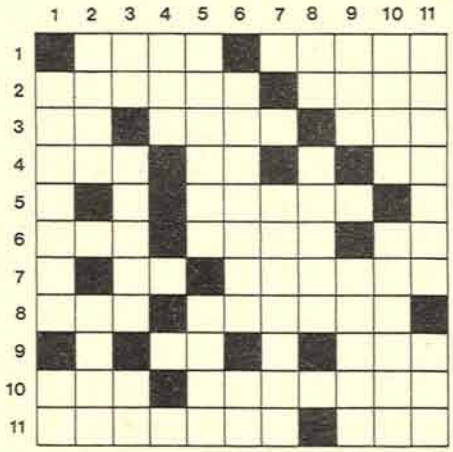
Chega-nos a notícia, por gentileza do respectivo presidente da direcção, de que em Lourenço Marques acaba de ser fundada uma associação com o propósito de agrupar todos os antigos marinheiros da Armada, independentemente dos seus postos ou classes, a qual foi denominada Associação dos Antigos Marinheiros da Armada.

Considerando esta iniciativa do máximo interesse, revelando bem o espírito de corporação que prevalece entre todos os que servem na Armada mesmo depois de a deixarem, a «Revista da Armada» congratula-se com o acontecimento, felicitando a direcção da Associação dos Antigos Marinheiros da Armada, a quem deseja longa vida e muitas prosperidades, pondo à sua disposição as suas páginas, que são também pertença dos seus associados.

Presidem aos corpos gerentes para o biénio de 1973/74: engenheiro João de Carvalho Figueiredo Peres (assembleia geral), Armindo Lourenço (direcção) e João Baptista Barbosa Cabeça Ramos (conselho fiscal).

quarto de folga

PALAVRAS CRUZADAS



(Passatempo n.º 20)

HORIZONTAIS: 1 – Ave galinácea do Brasil; espécie de víbora, adorada por negros de África. 2 – Dança lasciva da ilha de S. Tomé; imposto de transmissão (ant.). 3 – Artigo (pl.); mamífero roedor; árvore cuja casca aromatiza o vinho. 4 – Mulheres criminosas; níquel (s. q.); popa. 5 – Casta de uva preta. 6 – Pronome relativo; bolo de farinha de arroz e azeite de coco (pl.); nota musical. 7 – Aqui; relativo ao Irão. 8 – Nome de mulher; cama de viagem (pl.). 9 – Letra grega; caminha para cá. 10 – Pai do pai; mudara de direcção. 11 – O mesmo que bisnaga (ant.); o mesmo que ruím (pop.).

VERTICAIS: 1 – Pau com que se abrem covas, para semear milho (Bras.); prefixo de oposição. 2 – Nome de homem; cada uma das deusas indianas. 3 – Antes de Cristo; jogo de cartas; artigo (pl.). 4 – Colorido. 5 – Medida africana correspondente a duas jardas; cavidade. 6 – País da África; língua falada entre o Loire e os Pirenéus. 7 – Chapéu alto (pop.). 8 – Campeão; unir. 9 – Árvore indiana; cair neve. 10 – Empregar; miserável. 11 – Terreno predominante das cercanias de Aalen (Alemanha); relação de parentesco.

Dantas Couceiro
Asp. RN

Solução na pág. 34

PARADOXOS GEOMÉTRICOS

Apresentamos neste número dois paradoxos geométricos extraídos de SCIENTIFIC AMERICAN, de Abril de 1971.

TEOREMA 1 – Um ângulo obtuso, às vezes, é igual a um ângulo recto.

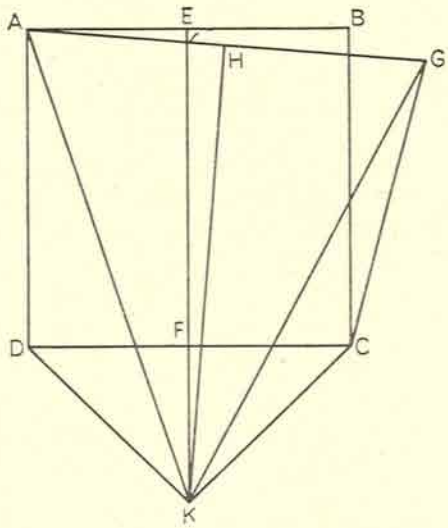


Fig. 1

Demonstração:
Na figura 1 traçou-se um quadrado ABCD. Pelo ponto E a meio de AB traçou-se uma perpendicular a AB que cortou CD em F. Portanto DF = FC.
A partir de C traçou-se CG = CB. Uniu-se A com G e traçou-se pelo ponto médio H deste segmento uma perpendicular. Como AB e AG não são paralelas, as duas perpendiculares traçadas não são paralelas. Portanto encontrar-se-ão num ponto se as prolongarmos. Seja K esse ponto.
A partir de K traçou-se KD, KA, KG e KC. Os triângulos KAH e KGH são iguais porque HK é uma perpendicular a meio de AG. Portanto, KA = KG.
Os triângulos KDF e KCF são iguais porque FK é perpendicular ao meio de DC. Portanto KD = KC.
Em triângulos iguais, a lados iguais opõem-se ângulos iguais; portanto o ângulo KDC = ângulo KCD.
Também, por construção, DA = = CB = CG.
Daqui conclui-se que os triângulos KDA e KCG são iguais porque têm os lados iguais cada um a cada um. Então os ângulos KDA e KCG são iguais (opõem-se a lados iguais). A cada um destes ângulos tiremos respectivamente os ângulos iguais KDC e KCD. Então os restos, ou seja, os ângulos CDA e DCG serão iguais porque se a quantidades iguais tirarmos a mesma quantidade os restos são iguais. Mas CDA é um ângulo recto e DCG é um ângulo obtuso. Portanto, um ânguio recto pode ser por vezes igual a um obtuso.
– Qual foi o erro de dedução cometido ao longo da demonstração? Podem indicá-lo?

TEOREMA 2 – Todo o triângulo é isósceles.
Demonstração:
Seja ABC um triângulo qualquer. Ver a figura 2. Pelo ponto médio D do lado BC trace-se uma perpendicular DE a esse lado.
Trace-se a bissectriz do ângulo BAC.
1) Se a bissectriz não encontrar DE, então será paralela a DE e a bissectriz será perpendicular ao lado BC e seria AB = AC, isto é, o triângulo seria isósceles.

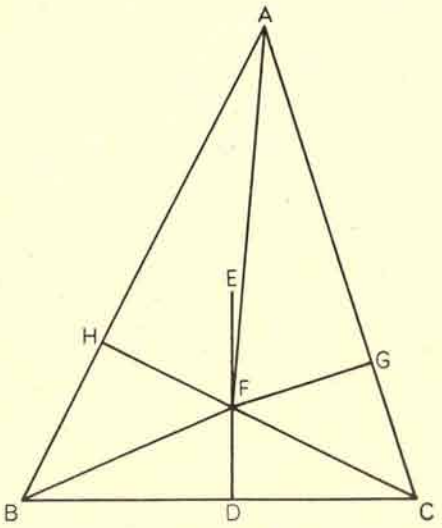


Fig. 2

2) Se a bissectriz encontra DE seja F o seu ponto de encontro. Tracem-se FB e FC e, também a partir de F, tracem-se FH e FG respectivamente perpendiculares a AB e AC.

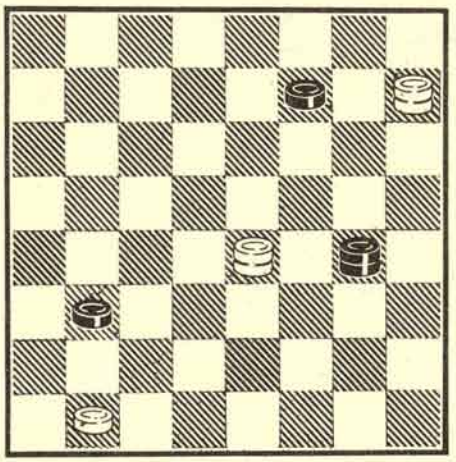
Então os triângulos AFG e AFH são iguais porque têm um lado AF comum, os ângulos em A iguais e o ângulo AHF = ângulo AGF = = 90º. Em triângulos iguais a ângulos iguais opõem-se lados iguais; portanto AH = AG e FH = = FG.

Da mesma forma os triângulos BDF e CDF são iguais porque DF é um lado comum, BD = DC e os ângulos em D são rectos. Portanto FB = FC.

Também os triângulos FHB e FGC são rectângulos. As hipotenusas BF e CF são iguais e o catecto FH = catecto FG como se demonstrou já. Portanto os triângulos FHB e FGC são iguais. Neste caso HB = GC. Como se tinha provado que AH = AG então teremos HB + AH = GC + AG ou seja como pretendíamos AB = AC e o triângulo ABC é isósceles.

– Onde reside o vício de raciocínio?

DAMAS



As brancas jogam e ganham em 3 ou em 4 lances.

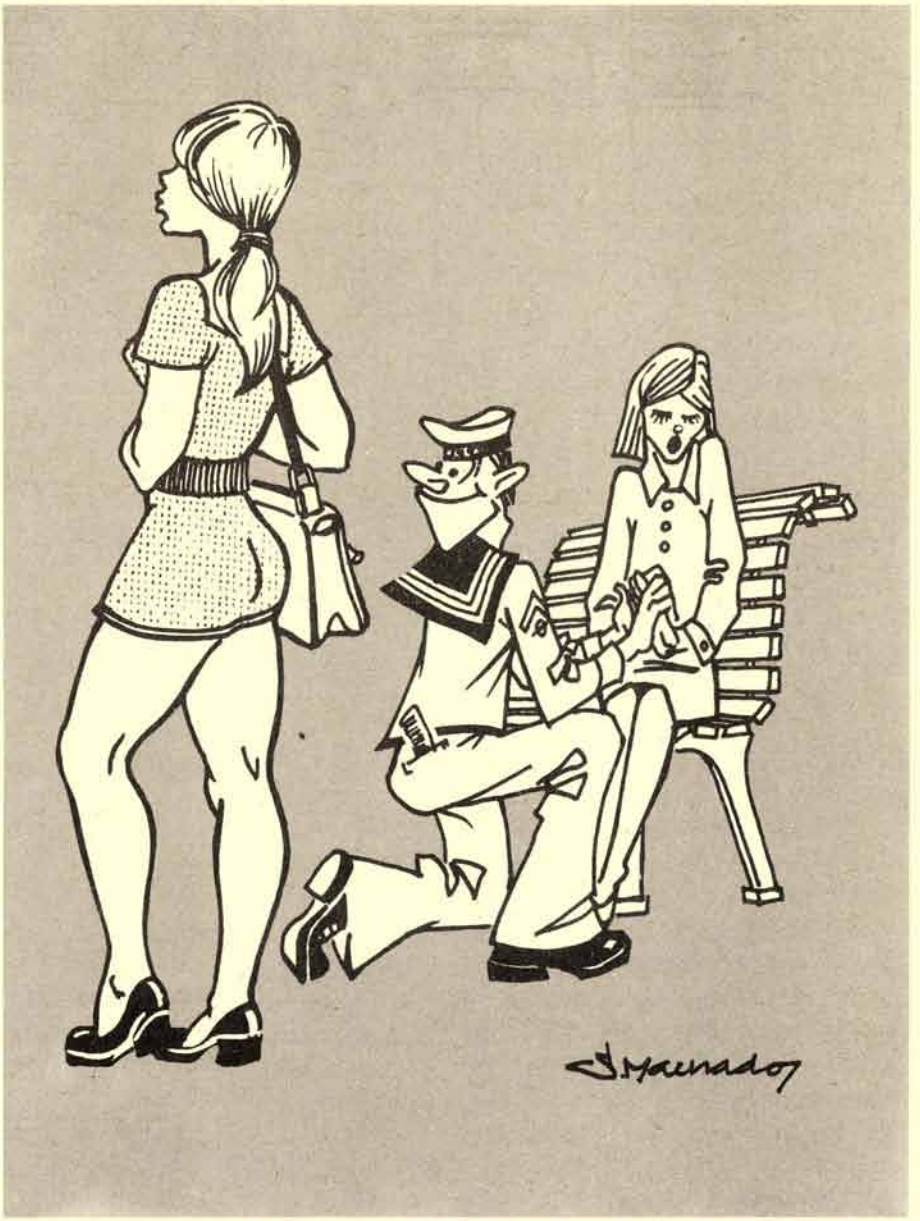
Solução na pág. 34

CONCURSO N.º 20

Sorteio de um prémio entre as respostas certas.

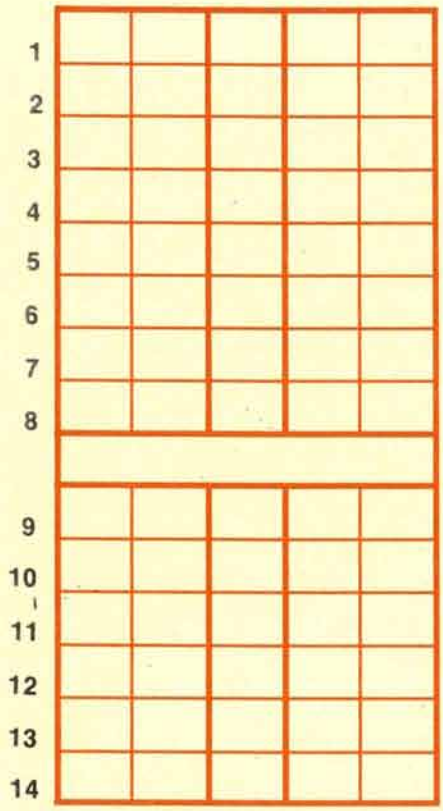
Um navio larga duma determinada posição, navega 100 milhas ao rumo sul, em seguida navega 50 milhas ao rumo leste e finalmente 100 milhas ao rumo norte e vai ter à posição de partida.
Qual é esta posição?

Basto Carreira
Cap.-m.-g. RF



– Ó Xico, não ias a dizer-me qualquer coisa?...

PILHA DE PALAVRAS



1 – Primeira palavra do nome de uma cidade dos Açores.
2 – Desague.
3 – Nome de um fruto.
4 – Vira a proa a...
5 – Aliada.
6 – Perfume.
7 – Desejo ardente.
8 – Parte.
9 – Respeita.
10 – Abaixa.
11 – Primeiras cinco letras do nome de uma seita político-religiosa surgida nos fins do século XII entre os muçulmanos do norte de África e que depois dominou Marrocos.
12 – Querida.
13 – Mulher da aldeia.
14 – Ave trepadora.

Na coluna central encontra-se uma dedicatória à Marinha de Guerra portuguesa. Além disso o passatempo ainda tem a particularidade de todas as palavras começarem e terminarem com a letra «A».

V. Abrantes
Mar. T

SOLUÇÕES

DAMAS

1 – e4-d3 b3-c2

Se:
1 – b3-a2
2 – . . . . . h7-g6 e ganham

Há outros lances que levam igualmente as brancas à vitória. Junte-se com um camarada em frente dum tabuleiro e experimentem.

PALAVRAS CRUZADAS

HORIZONTAIS: 1 – Jacu; dabua. 2 – Socope; sisa. 3– As; rato; aal. 4 – Rés; ni; ré. 5 – Doçal. 6 – Que; apas; mi. 7 – Cá; irânio. 8 – Ada; catres. 9 – Ró; vem. 10 – Avô; voltara. 11 – Bisnaca; rõe.

VERTICAIS: 1 – Saraquá; ab. 2 – José; devi. 3 – AC; sueca; os. 4 – Côr. 5 – Upanda; cova. 6 – Etiópia; oc. 7 – Cartola. 8 – As; casar. 9 – Biá; nevar. 10 – Usar; mísero. 11 – Aalénio; mãe.

PILHA DE PALAVRAS

1 – Angra. 2 – Aflua. 3 – Amora. 4 – Aproa. 5 – Amiga. 6 – Aroma. 7 – Ânsia. 8 – Abala. 9 – Acata. 10 – Arria. 11 – Almóa (almóadas). 12 – Amada. 13 – Aldeã. 14 – Arara. («Gloriosa Armada»)

SOLUÇÃO DO CONCURSO N.º 18

O	M	J	T	A	O	A	A	D	T	A	A	S	T	S	P	E	R	T	O	L	A	L	O	N
A	B	O	I	B	T	O	O	I	T	D	O	O	R	A	S	P	U	F	T	O	R	A	T	S
I	O	I	B	O	S	N	M	T	A	V	I	S	O	P	L	E	G	U	R	O	S	O	I	A
J	A	N	T	R	B	A	V	O	M	R	S	S	T	O	E	T	R	I	E	M	A	N	R	N
C	R	S	R	A	A	C	R	A	A	R	T	O	S	S	A	M	I	O	N	A	O	I	A	S
A	O	A	R	M	E	N	T	O	S	A	T	C	L	A	R	A	A	L	C	S	D	R	V	O
O	M	A	C	R	A	V	R	T	A	A	D	A	G	N	A	J	T	E	O	E	R	A	I	T
S	T	O	R	O	R	I	E	A	D	A	V	O	S	S	O	E	O	M	S	R	A	M	E	R
A	A	P	U	M	A	L	B	A	O	R	S	T	A	D	E	I	I	C	T	I	I	B	O	A
T	I	S	Z	A	P	A	O	O	M	A	T	A	G	A	R	F	I	O	A	A	F	U	A	M
P	S	O	A	A	I	S	C	S	I	X	A	N	U	H	O	I	F	U	R	L	A	S	D	I
O	T	I	D	O	O	B	A	L	I	E	I	R	A	C	T	R	A	R	U	A	I	C	S	R
N	M	R	O	I	D	A	D	I	A	R	A	P	O	N	N	O	F	A	D	O	T	A	D	A
S	E	M	R	A	I	A	O	O	S	T	V	I	S	A	I	D	O	C	A	P	R	R	O	A
A	I	T	S	T	O	O	R	I	E	L	O	R	T	L	P	I	S	A	D	O	E	I	A	I
P	R	O	M	T	U	D	E	I	R	A	R	E	R	R	A	O	I	D	N	H	L	A	T	O
O	A	A	O	A	P	R	S	O	I	M	O	T	I	A	G	A	E	O	T	O	A	D	A	B
M	A	R	R	S	I	A	T	E	V	R	O	C	A	D	I	R	L	E	I	E	C	R	O	T
O	R	C	A	T	A	A	R	R	E	I	O	S	S	O	N	O	N	C	O	R	S	O	I	D
R	I	C	O	N	T	R	A	T	O	R	P	E	D	E	I	R	O	S	T	T	E	L	I	A
N	O	O	J	S	A	B	V	I	S	T	A	N	A	I	T	E	A	A	M	I	R	O	A	L
O	N	H	S	S	P	O	I	S	A	O	S	T	I	V	A	I	R	H	O	R	T	A	S	E
A	N	H	O	O	E	T	A	S	A	A	R	I	E	N	O	H	N	A	C	O	A	S	M	P
B	O	I	O	R	I	E	N	I	M	O	T	I	H	H	O	J	E	A	S	O	T	E	I	A
D	R	O	M	I	C	A	N	H	O	S	H	S	A	O	S	N	O	S	T	A	L	A	I	P

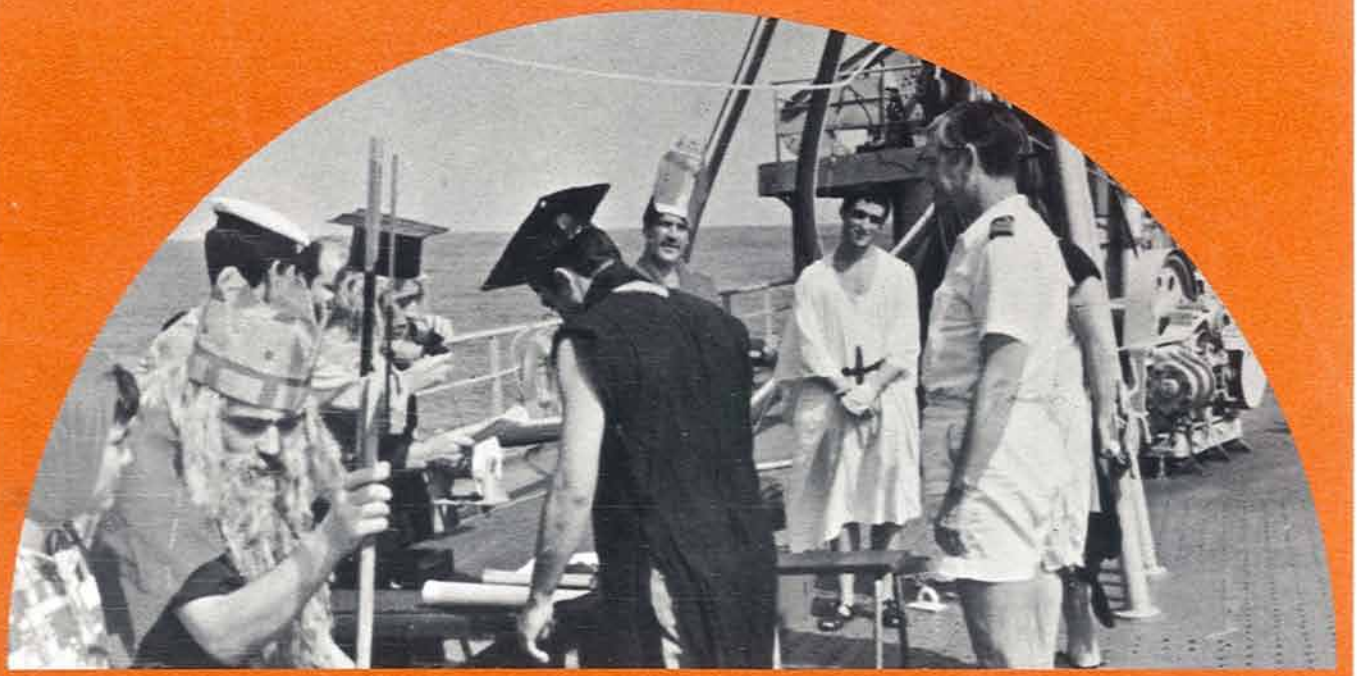
Nota: Por lapso tipográfico a palavra bote saiu pote. Nesta conformidade, consideram-se como certas todas as respostas que tenham acertado nas restantes 15 palavras.

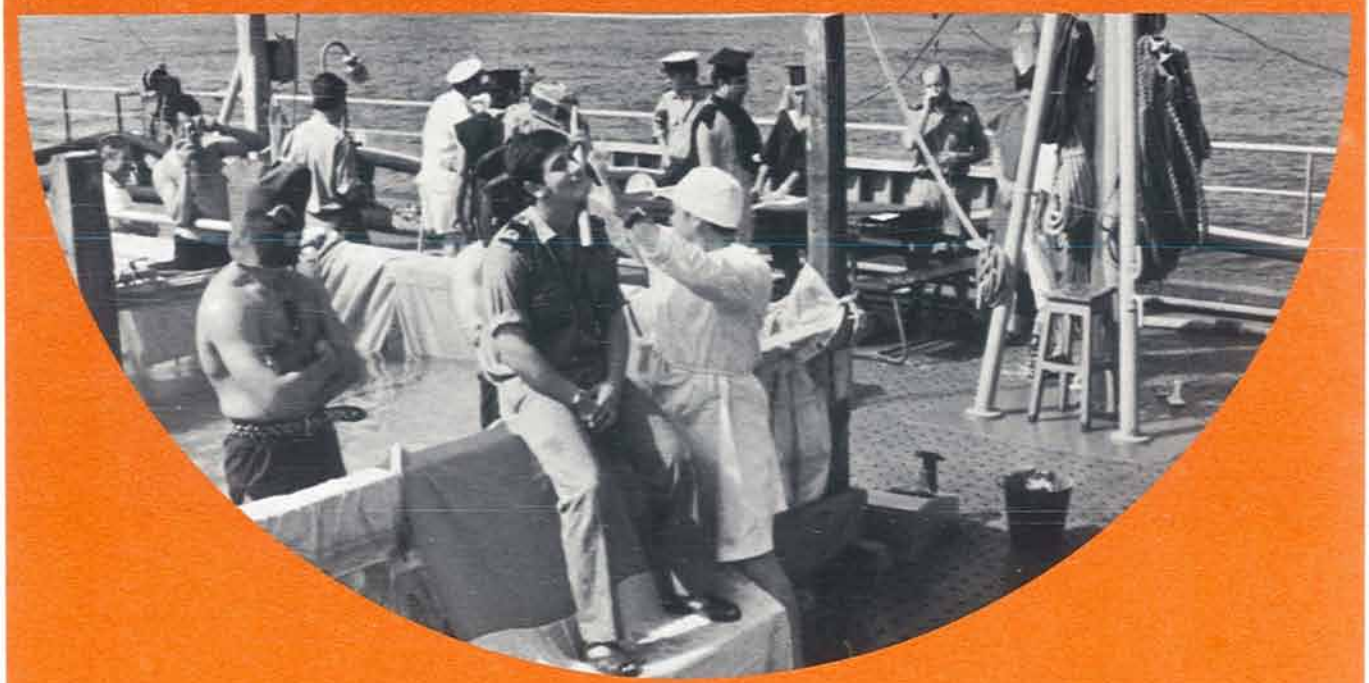
VENCEDOR: Sandem Dabó, 1.º gr. FZE n.º 146/70/G, do Comando da Defesa Marítima da Guiné.

TRADIÇÃO NAVAL

Aspectos duma das «passagens da linha» a bordo do N. R. P. «São Gabriel».

A mesa do Tribunal. El-rei Neptuno tendo à direita a Ninfa Primula, sua favorita, o Juiz, os advogados de acusação e defesa, o bispo, os anjinhos e... o réu.





Depois da barba... o banho na tina.

(Fotos de Ramiro Magalhães, 2.º-sarg. CM)

METRÓPOLE

LISBOA

Aqueduto das Águas Livres

(Foto do cap.-ten. AN Caeiro Junça)

AÇORES

ILHA DO FAIAL
PORTO PIM

Faina do alar da Baleia

(Foto do cap.-frag. Serpa Gouveia)

MACAU

Oficinas Navais e doca dos Serviços de Marinha

(Foto de autor desconhecido)